

P. DR. E. CARLETTE



**HERÓES
AUTHENTICOS**

EDITORA 'VOZES' PETROPOLIS

A

HERÓES AUTHENTICOS



P. João Fuchs



P. Pedro Sacilotti

HERÓES AUTHENTICOS

P.º JOÃO FUCHS

P.º PEDRO SACILOTTI

e JOSÉ PELLEGRINO

Testemunhos reunidos sobre a tragedia
do Rio das Mortes (Matto Grosso)

pelos

PP. Dr. E. Carletti, J. Duroure e A. Colbacchini



ED. "VOZES" PETROPOLIS

Nihil obstat. Petropoli,
Kalendis Novembribus anni MCMXXXVI
Fr. Fredericus Vier, O. F. M., Censor.

IMPRIMATUR. Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr.
Bispo de Nictheroy, D. José Pereira Alves. — Petropolis, 10 de
Março de 1937. — Frei Oswaldo Schlenger. O. F. M.

A todos os Missionarios Filhos e Filhas
de D. Bosco Santo que, na penosa e ardua
missão do Matto Grosso, trabalham, mor-
rem e triumpham pela civilização de Jesus
Christo.

ESCLARECIMENTO

A um anno de distancia da tragica occorrença, que empapou de sangue as margens do Rio das Mortes, saem estes depoimentos.

Depoimentos, portanto, e não romance ou narrativa amena. Foram reunidos a viva voz por quem teve contacto directo com os nossos heróes; das suas cartas; das notas dos seus diarios: notas esqueléticas, mas envoltas em incontida paixão.

Não queremos aqui prevenir, eventualmente, o juizo da Igreja.

“Victimas do dever” são considerados os nossos queridos extinctos Padres Fuchs e Sacilotti, embora haja alguém que inconscientemente affirmasse terem sido elles victimas da sua imprudencia.

Para nós, porém, são algo de mais sublime.

O Missionario não é apenas escravo de um simples dever: elle cumpre uma missão, que é um mandato divino. E quando por este mandato se morre conscientemente trucidado... tem-se direito á veneração da posteridade.

O Pe. Pedro Sacilotti é o primeiro brasileiro e paulista que se abalançou, qual outro ardoroso bandeirante, á conquista das almas dos indomitos Chavantes. Procurou-os com carinho de apostolo.

Foi ao seu encalço, despreocupadamente, mas com a mente fixa nos Kayamos, que pretendia agremiar num só redil. Internou-se por leguas e leguas, pelo matto adentro, á busca das suas aldeias! Encontrou-as, mas viuvas de seus habitantes!... Viu, com a alma em pranto, os fogaréos immensos ateados pelos recalcitrantes aborigenes, denunciando a sua presença uma atrevida represalia e um desafio indomavel, mas nada pôde fazer; percorreu de lado a lado o Rio das Mortes, o rio sagrado dos Chavantes, mas debalde...

O insuccesso da sua empresa está na razão directa do amor e odio! Elle, o Piága do amor; o indio, remoendo odio e vingança!... No momento opportuno, quando desejava sellar a sua jornada com o osculo da paz e com o amplexo de irmão, o Chavante, enfurecido e despeitado, pregou-lhe a clava no craneo e o prostrou sem vida! Admiravel e abnegado Sacerdote! Inimitavel Ministro de Deus!

Com a esperança e na expectativa de que Nosso Senhor ouça as nossas humildes orações, quizemos dar publicidade a estes testemunhos, seguindo o preceito de Jesus: — “Brilhe a vossa luz diante dos homens”, isto é: a luz de João e de Pedro.

Desde os primitivos tempos do Christianismo, não era tanto a doutrina que informava os Apostolos, quanto o espirito do qual estavam inspirados, e a vida que os animava.

Espirito de Jesus, que penetra, aquece, transforma a alma; vida que é ardencia de caridade, fé, immolação heroica.

Fuchs e Sacilotti fazem-nos reviver cada qual as palavras de S. Paulo: — “Sêde meus imitadores, como eu o fui de Christo.”

E as outras de Jesus: — “A maior prova de amor é dar a vida por aquelles a quem amamos.”

Cuyabá (Matto Grosso), Novembro de 1935.
Primeiro anniversario da tragedia.

INTRODUÇÃO

A Prelatura de Registro de Araguaya estende-se a leste de Matto Grosso, sobre uma superficie de 175.000 kms.

O clima acompanha os diversos aspectos physicos da região: temperado nos elevados planaltos, mais fresco nas montanhas, torna-se ardente e doentio nas partes mais baixas, cobertas de imensos pantanos.

A flora e a fauna nada têm que as differencie das da bacia do Amazonas, na qual a Prelatura está, quasi toda, contida.

A população compõe-se de 60.000 civilizados, brancos, negros, amarellos e vermelhos que fraternizam entre si, esquecidos totalmente das differenças de raça e de educação, tendendo a realizar num porvir mais ou menos proximo a homogeneidade. Esta população augmenta consideravelmente cada anno, não só pelos nascimentos numerosos, mas, sobretudo pela immigração dos Estados do norte. 70 % dos homens validos são garimpeiros, 25 %, criadores ou agricultores, e o resto dedica-se a profissões diversas.

Juntem-se os Indios, que se dividem em tribus de costumes e linguas completamente differentes,

o que torna difficil as relações entre elles. Em primeiro lugar, os *Borôros*, dos quaes 30 % são christãos, e que, lentamente, se dirigem para a communi-
dade civilizada; os *Carajás*, quasi todos pagãos, vivendo, entretanto, em paz com os brancos. Vêm em seguida os *Chavantes*, indios ferozes, dos quaes basta o nome para fazer tremer. A lista está longe de ser completa. Conforme informações fidedignas, ha ainda muitas tribus na selva desconhecida.

Esta vasta Prelatura foi confiada aos RR. PP. Salesianos de D. Bosco, em 1914. Apesar da escassez de pessoal e das difficuldades financeiras, desenvolveu-se rapidamente, graças ao concurso generoso e perseverante de nossos amigos e bemfeitores da França, da Suissa, da Belgica e do Brasil.

Com seus 12 padres, dois dos quaes muito idosos (de 75 e 86 annos) e muitos doentes; 11 irmãos coadjutores e 20 irmãs, Filhas de Maria Auxiliadora, foram criados e mantêm-se, á custa de esforços heroicos e na esperança de reforços: 7 parochias com 12 capellas auxiliares, 9 collegios, dos quaes 5 para civilizados e 4 para os indios, 2 colonias indigenas, 4 dispensarios medicos, 2 missões volantes para os indios e uma permanente. Está assegurada, mais ou menos, a visita regular das parochias.

Difficuldade de transportes (não ha estradas nem mesmo caminhos,) o que é muito comprehensivel numa região aberta recentemente á civilização; carestia de viveres com pouca ou nenhuma variedade; falta de cuidados medicos...

Ferocidade dos indios, aferroados ás praticas ancestraes, seu desinteresse pelas coisas espirituaes, sua versatilidade...

Ignorancia religiosa dos civilizados... a carne dominando crimosamente o espirito... a zizania semeada diariamente pelos protestantes (baptistas, presbyterianos, adventistas) e pelos espiritas...

As feras traiçoeiras, as serpentes, a infinita variedade de mosquitos, a multidão innumeravel de insectos de toda a especie...

A solidão, o impaludismo, as doenças do figado e baço, a anemia...

Eis as principaes estações da via crucis dos nossos missionarios.



O P. Antonio Colbacchini deixa um cruzeiro no lugar onde foram martirizados os PP. Fuchs e Sacilotti, Salesianos — 1º de Novembro de 1934



Pessoas que assistiram á benção do Cruzeiro



Rio das Mortes — Jacaré abatido

UM SONHO DE DOM BOSCO

D. Bosco prognosticou alguma coisa a respeito dos acontecimentos de que vimos tratando, num sonho (1) que teve em S. Benigno Canavese, em 1883, na noite precedente á festa de Santa Rosa de Lima, precisamente sobre a evangelização de certas regiões da America Meridional. Servia-lhe de guia, naquella viagem irreal, o filho do bemfeitor Conde Colle, Toulon, fallecido pouco antes, que, numa parada de trem, lhe offereceu uma cesta de figos azedos:

— E'-me impossivel comer estes figos, observou D. Bosco; estão ainda verdes.

— Faze assim, — respondeu o jovem; e immergiu-os successivamente em um copo de sangue e em outro de agua:

— *Com o suor e com o sangue, — accrescentou — os selvagens tornarão a ser unidos á planta, sendo assim agradaveis ao dono da vinha. —*

(Das "Memorias Biographicas de S. João Bosco", vol. XVI, pag. 389. Edição extra-commercial).

(1) Ninguém ignora que S. João Bosco fosse favorecido pelo Céu com varios sonhos propheticos: sonhos sobre o futuro das suas obras, sonhos sobre o estado espirital dos seus filhos, sonhos sobre os triumphos e dôres da Igreja, etc. Parece-nos até que elle conheceu os trabalhos, as agonias e a morte sangrenta dos nossos dois heróes missionarios.

PRIMEIRA PARTE

HEROES QUE TOMBAM

I

OS HOMENS

Em pleno meio-dia, o cynico procurava um homem, com uma lanterna na mão, pelas ruas publicas de Athenas. Diz a lenda que, não o encontrando na cidade, saíra pelos arredores e, caminhando de terra em terra, de uma cidade á outra, chegou, pela hora nona, ao cimo do monte Calvario. Vendo o sereno vulto do Crucificado, tão paciente, tão calmo, tão cheio de dignidade e contendo-se no meio do ludibrio da turba insolente, o cynico ficou tomado de espanto. O seu coração se enterneceu e um lampejo improviso lhe passou pelos olhos, exclamando: — “Eis o homem: achei-o”!

E' lenda, mas é tambem psychologia profunda.

Há muitas pessoas no mundo que têm sómente o nome de homem, mas não o são, por que vivem sem viver...

E aquelles que querem viver, que querem ser pensamento, vontade, amor, desapparecem, absor-

vidos pela massa pardacenta das multidões. Chamam-nos loucos; uma ou outra vez os admiram; raramente os apreciam. E' necessario que a cruz, com seus estigmas sanguinolentos, os colloque de repente no alto. Achamo-los de todas as idades e condições: será exaggero dizer que as Missões são o melhor cadinho para formar os homens?

As Missões Salesianas de Matto-Grosso nos apresentam tres.

O Pe. João Fuchs

Este forte athleta era natural da Suissa. Lá, elle adquirira a placidez do olhar seguro e commedido que têm os guias alpinos, habituados a escalar as alturas e a resvalar pelos abysmos. Os seus olhos sonhadores pareciam reflectir a brancura das neves e a limpidez dos lagos: raramente, as suas tempestades.

Da sua infancia, dos seus estudos, do seu teor de vida até á vigilia dos acontecimentos que poremos em relevo, pouco diremos nestas paginas, que não são uma biographia, mas apenas uma relação documentada dos esforços postos em pratica por um biennio, para a evangelização de uma plaga pouco conhecida no Brasil immenso.

Nascido em Plaffnau, no Cantão de Lucerna, em 1880, de Francisco e Anna Meyer, entrou na Sociedade Salesiana aos 21 annos de idade, fazendo o Noviciado em Lombriasco, Italia, em 1901. Sendo enviado para o Brasil, ensinou sciencias phisicas e naturaes nos Cursos Secundarios, onde adquiriu, bem depressa, a fama de scientista.

O seu physico, habituado aos ventos glaciaes dos Alpes e do Jura, resentiu-se fortemente da temperatura morna dos tropicos e teve que voltar temporariamente á sua Patria, para refazer-se. Restabelecido, ei-lo de novo no seu querido Brasil. Voltou, porém, não para os collegios, onde sentia palpitar a intelligencia e o coração dos seus innumerados alumnos, mas para a vida material e desconfortadora do sertão, nas colonias indigenas dos borôros de Matto Grosso.

Estas povoações, criadas por D. Malan, quando Inspector-Prelado da Missão, nos moldes das antigas colonias jesuiticas do Paraguay, se tornam cada vez mais anachronicas. Os Superiores, com prudente lentidão, as vão agora transformando e adaptando-as a um genero de apostolado mais agil e efficaz. Quando a obediencia mandou para lá o Pe. Fuchs, reinava ainda "*l'ancien régime*". A colonia semelhava a uma abbadia da Meia-idade, com o seu abba-de, com os seus monges e servos. A unica differença notavel que existia era que, por poucas horas de trabalho diario, o Superior devia alimentar, vestir e agazalhar todos os habitantes do povoado!

A nova vida não desfibrou o animo do Pe. Fuchs, que se deixou ambientar de bôa mente. Ei-lo a ensinar o "a b, c" aos selvagens de hontem, dividindo com elles a vida exotica de pesca e de caça, manejando, quando era preciso, em um clima senegalesco, debaixo de um céu afogueado, a enxada, a picareta e o machado. Vida dura e, dir-

se-ia, humilhante para um sacerdote, si a união com Deus e a renuncia de toda e qualquer aspiração legitima não nobilitasse essa vida, sublimando-a a uma altura desconhecida e incommensuravel: a sublimidade do Calvario.

Mons. João Baptista Couturon, incansavel Administrador Apostolico das Missões, mandou-o, depois de um certo lapso de tempo, catechizar os garimpeiros, que enxameavam por aquellas regiões. Ei-lo transformado em caixeiro viajante! De logarejo em logarejo, de um acampamento a outro, só ou acompanhado, vae pregando que os bens desta terra são pereciveis e que devemos procurar outros diamantes, outras riquezas...

Maravilhosos effeitos da graça divina! Attraídos e tocados pelas palavras do Missionario, o bando de aventureiro que matavam por uma troca aspera de palavras e viviam na mais desenfreada immoralidade, vão-se transformando pouco e pouco, de modo a se tornarem bons christãos, chefes de familia, ordeiros e fundadores de cidades.

O Pe. Pedro Sacilotti

Filho de paes italianos, tinha adquirido da raça a coragem indomita que enfrenta os perigos, uma personalidade distincta, com ideaes seus, que, apesar de tudo, não lhe diminuia o character de humildade e obediente religioso. O seu amor acendrado a Deus Nosso Senhor, que o impellira a dar a vida por Elle, depois de um dolorosissimo Calvario, não foi, uma ternura vaga e sentimental: para elle



Alta noite, viam-se as chammas desprender-se do solo, serpenteando e crepitando sinistramente



Sta. Teresinha — A primeira cruz levantada pelos PP. Fuchs e Sacilotti, no Rio das Mortes



Indio Carajá mestrando a igaçaba de barro onde collocam os ossos dos parentes defuntos

amar era harmonia de vontades; amar era obedecer. E porque amava Nosso Senhor, desejava a sua gloria e queria que fosse conhecido e amado. Nas suas prédicas, o seu thema preferido era a phrase do Padre Nosso: “Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu...”

Pouco expansivo e loquaz, não obstante tinha uma alma muito sensível e soffria quando surgiam as provações, as contrariedades, as incompreensões. Não deixava, porém, transparecer nada; seus olhos sómente denunciavam o amargor interno das pessoas delicadas, que soffrem e calam.

Seus paes chamavam-se Antonio e Genoveva Sacilotti. Nasceu em Cannas, villa situada entre Cachoeira e Lorena, Estado de S. Paulo (Brasil), tendo frequentado os cursos primario e secundario no “Gymnasio S. Joaquim”. Foi sempre muito applicado nos estudos e de procedimento irreprehensível. Em 1915, entrou para a Congregação Salesiana. Fez seu curso theologico na Italia e foi ordenado Sacerdote em Turim, em 1925.

Escreve o Pe. Luiz Garcia, que foi seu collega no Curso Philosophico de Lavrinhas (Estado de São Paulo) e no Instituto Internacional Theologico de Turim (Italia): — “A sua companhia era doce e amavel; gracejava de boa mente, sem, porém, molestar a quem quer que seja e sempre nos dominios impostos pela caridade. Na aula, sobresahia pela intelligencia, mas tinha difficuldade em expôr o que sabia, devido ao defeito de tartamudez, que o preocupava seriamente. Quantas vezes, sa-

bendo a lição com nota *dez*, a balbuciava com nota *seis*! Mas os Professores conheciam o seu talento e por isso contemporizavam sabiamente, sem o penalizar. Tinha receio de que, talvez, por aquelle defeito, não fosse admittido ás Ordens Maiores. Foi, porém, acceito a votos plenos, especialmente porque os Superiores conheciam a sua bondade.

Tal era tambem o nosso conceito: bom e piedoso. Era fidelissimo ás praticas de piedade e... exhortava aos outros a que o fossem. Quando algum de nós, por acaso, faltava á meditação ou á leitura espiritual, elle, sem mais, perguntava o por quê... E não era assistente, nem vice-assistente... Nem por isso nos offendiamos, tal era o ascendente que exercia sobre nós e a estima e affecto que lhe votavamos. Ao voltar para o Brasil, foi destinado para as Missões do Matto Grosso, por seu expresso pedido.

José Pellegrino

O coadjutor salesiano José Pellegrino, que, nos designios da divina Providencia, devia ser a primeira hostia immolada pela redempção dos Chavantes, nasceu em Benevagienna, cidade do Piemonte (Italia), a 20 de Agosto de 1880.

Physicamente, era disforme. Baixo, giboso e torto. Os labios chegavam-lhe ás orelhas. O queixo era arqueado e pontudo: um typo original: Visto de frente, era elle; de lado, era outro! E justamente porque os homens julgam pelas apparencias, todos se divertiam ao vê-lo e ouvi-lo, especialmente no palco. Tinha o officio de cozinheiro, mas nunca foi

capaz de preparar uma sopa em regra. Sempre brincalhão, acceitava rindo os ditos que lhe atiravam e os gracejos innocentes que lhe dirigiam. Não tomava muito a serio as queixas dos Irmãos, especialmente quando, em ar de troça, attribuiam a elle a azia dos seus... estomagos!

Nessas occorrencias, acalmava-os de improviso, com um discurso a seu modo. Tinha a mania de ser orador e era de desopilar o figado, com uma gostosa gargalhada, todas as vezes que nos era dado ouvi-lo em phrases bombasticas e palavras difficeis, *ainda* não annotadas no dictionario!

O R. P. Inspector ficou pasmo quando o Director Pe. Sacilotti lh'o pediu, mais tarde, para a futura missão entre os Chavantes.

— Que poderá fazer elle? — perguntou-lhe.

— Cozinhar-nos-á um pouco de arroz, nas intermittencias da viagem, e conservar-nos-á alegres, — respondeu.

Nos designios de Deus, devia elle demonstrar que tambem os seres mais humildes e incultos, cobertos de aspera pederneira, podem transformar-se em soberbos e faiscentes diamantes, facetados a poder de golpes de doenças, dores e da mesma morte.

O Borôro Luiz Kapuceva

A esses tres filhos authenticos de D. Bosco Santo, devemos juntar o indio borôro Kapuceva, que, desde o inicio da nova missão, esteve sempre ao lado do Pe. Fuchs, trabalhando sem reservas pela evangelização de seus irmãos de côr.

Algumas vezes os amigos e bemfeitores nos perguntam: “Mas que é que fizestes depois de trinta annos, no meio dos Borôros?”

Que fizemos? Trabalhámos intensamente. Uma prova é este filho das selvas, que (para só citar um exemplo), encantado pela belleza da nossa obra redemptora, desejou unir-se a nós; com inenarráveis sacrificios soffridos, com doenças contrahidas a serviço da missão, com a morte santamente aceita e offerecida pela salvação de seus irmãos!

Só Deus sabe quantas graças e benções não atraiu sobre a nossa obra esse obscuro filho das florestas virgens!

II

OS INDIOS CHAVANTES

Frade e heróe

Para commodidade de classificação, os indios do Brasil são commumente divididos em grandes ramos, tendo como base a commum origem da lingua.

Os Chavantes pertencem aos indios *Gês*. Vivendo ás margens do Rio Tocantins, formavam, antigamente, uma tribu com os "Cherentes", de indole mansa, hoje quasi todos christãos. A identidade do typo physico confirma essa tradição. Corpulentos, espadaudos, são bastante differentes dos que infestam as regiões amazonicas. Rivalidades dos chefes e lutas intestinas constrangeram uma parte a abandonar a secular residencia, para transportar-se a outra região. Depois de quantas jornadas chegaram ás margens do Araguaya, o "Berocam" (Rio Grande) dos indigenas? Ninguem o sabe.

As chronicas da Ordem dos Capuchinhos referem que lá pelos fins do seculo XVIII vivia com elles um homem extraordinario, o Capuchinho italiano *Sigismundo da Taggia*.

Afastado de todo o consorcio civil, privado de todo o conforto humano, viveu esse homem duran-

te trinta annos no meio delles, identificando-se com elles, para salvar a todos em Nosso Senhor.

Sózinho, durante trinta annos!

Que messe de heroismo não recolheram os Anjos desta alma-hostia, deste coração que se offereceu a Jesus, sacrificado, consummado, instante por instante, pela redempção daquelles selvagens!

Um dia, dois pretos, que eram escravos do Frade, se apresentaram ao Governador da Capital de Goyaz, annunciando o fallecimento do Padre Sigmundo.

Nessa occasião, aventureiros e habitantes daquellas zonas desconhecidas naquelles tempos na geographia official, maltrataram os indios, raptaram suas mulheres e reduziram-n'os á escravidão. Aquelles infelizes esperaram em vão a vinda de outro Padre. Exasperados e enfurecidos, passaram para a outra margem e se internaram na floresta virgem do Rio das Mortes, jurando odio eterno aos civilizados. Lá, porém, acharam outra tribu não menos feroz: Os Borôros, dos quaes se tornaram implacaveis e figadaes inimigos.

Nas lendas e nos contos recentes dos Indios Borôros, encontramos numerosos traços de uma longa guerra ainda não acabada contra os invasores. Elles lhes chamam "Kayamos" (indios terriveis); mas os ultimos acontecimentos deixam-nos crer que Kayamos e Chavantes devem ser uma e a mesma coisa.

Lutas fratricidas

Eis o que narra o Pe. Colbacchini no seu bello livro: “Os Borôros orientaes” (S. E. I. — Turim).

“... Dois chefes borôros, “Birimoddo” (bella pelle) e “Aroja Kuriréu” (grande panno), decidiram roubar o “urucum” dos Kayamos. O *urucum* é uma planta cujo fruto dá uma tinta avermelhada que serve para o ornamento dos Indios. Dez jovens guerreiros, dentre elles os mais fortes, os acompanharam. Depois de algumas leguas descobriram uma grande quantidade de *urucum* perto de uma aldeia vazia. Seguiram avante em busca do inimigo. Encontraram então outra aldeia com um campo de *urucum* bem cultivado: “Recolhamos o que pudermos, disse um dos chefes, e destruamos o resto”. Nesse momento, porém, foram descobertos pelos Kayamos, que os accommetteram. Travou-se luta terrivel. Os dez guerreiros succumbiram envolvidos pelo numero e os dois chefes, feridos, foram presos.

— “Ladrões! pagareis com a vida o roubo do nosso *urucum*”, — gritaram triumphantes os Kayamos. Os inimigos foram amarrados. Um Kayamo pega do arco, empunha uma flecha e mira o coração de “Birimoddo”. Mas este, com um esforço sobrehumano, conseguiu livrar-se das ataduras e fugiu em demanda da floresta, seguido por “Aroja Kuriréo”.

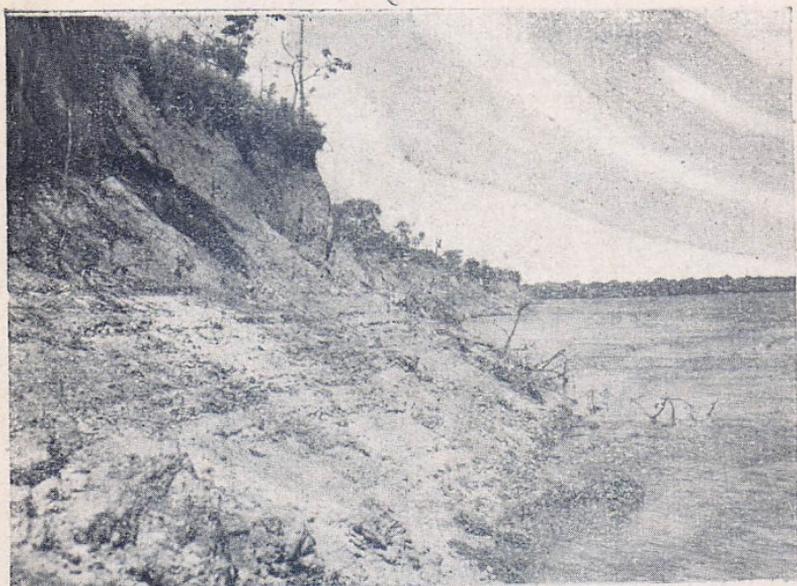
Chegaram á sua aldeia, extenuados. Reanimados, voltaram, em grande numero, para se vingarem. A antiga aldeia não existia mais. Os Kayamos

tinham fugido para o norte. Seguiram-lhes a pista e os surprehenderam, um dia, de madrugada, quando ainda dormiam, e mataram todos: homens, mulheres e crianças.

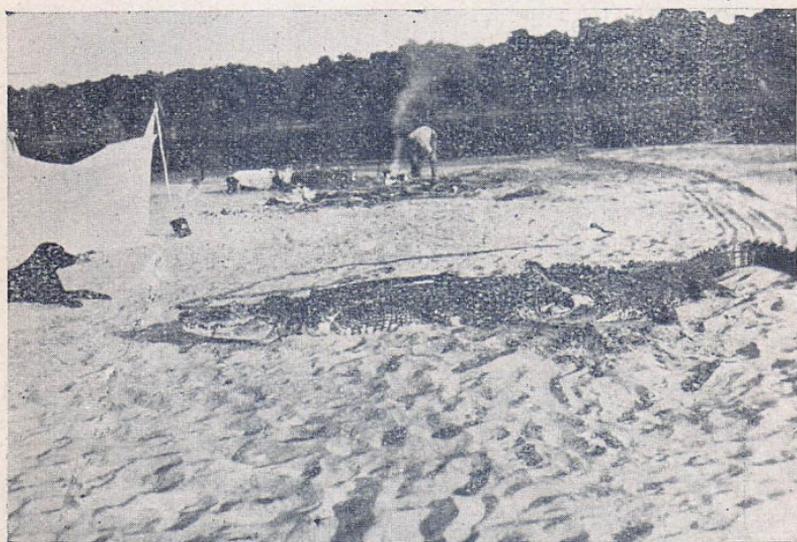
Desde 1906, com intervallos mais ou menos longos, commetteram crimes e fizeram correrias entre os Borôros, que se viram constrangidos a atravessar o rio e a estabelecer-se junto dos Missionarios, na colonia Meruri.

Uma familia de civilizados, que viajava pelo Araguaya, pousou, á tardinha, para preparar a comida e ahi passar a noite. Eram tres pessoas: o marido, a mulher e uma filhinha. De improviso, ouviram-se na floresta bramidos selvagens e pouco depois jaziam por terra tres cadaveres horriavelmente mutilados.

Em 1915, atreveram-se a chegar até ao “Morro da Providencia”, a duas leguas de distancia longe de nós e a quatro do Rio das Mortes. Aquelle era um posto avançado erigido por D. Malan para tentar entrar em contacto com os terriveis indios. Consistia em algumas choças circumdadas por um lote de terreno cultivado. Quando lá irrompeu a horda selvagem, felizmente não morava ninguem e então desafogaram a sua raiva, saqueando tudo quanto acharam, e estraçalharam a golpes de tacape um tela do Sagrado Coração de Jesus, que depois foi piedosamente reconstituída e enquadrada entre os mesmos tacapes que serviram para o sacrilego vilipendio.



Barranco pelo qual subiram os dois Padres, seguindo os dois Chavantes que avistaram á beira do rio



Jacaré abatidos no Rio das Mortes



Indio Carajá (Araguaya)

Barbaridades

Em 1932, observámos um facto insolito. Os Chavantes são assinalados nas duas margens do Rio das Mortes, na confluencia do S. Marcos, a oito leguas da nossa missão de Meruri, não mais de passagem, mas estacionados.

Alguns mezes antes lá se tinha estabelecido um tal Franklin com a familia e camaradas. Construiu uma casa, derrubou um trecho da matta para fazer plantação e criar animaes domesticos. Depois de certo tempo, percebeu que a plantação de milho e mandioca recebia continuas visitas. Indios espadaudos, completamente nús, appareciam e desapareciam. Habituaado á vida do sertão, não se impressionou, pensando ter que tratar com borôros vagabundos. Mas uma manhã, emquanto com um seu filho e dois camaradas, um branco e um preto, estavam derrubando umas arvores, uma malta de indios, armados de cacetes, se precipitou sobre elles, uivando. Franklin, arrastando o filho pela mão, fugiu para casa. Seguiram-no. Disparou então um tiro de revolver e afugentou os aggressores. No entanto, os camaradas defenderam-se galhardamente, respondendo ás cacetadas com golpes de machado. O branco, porém, caiu com a cabeça contundida e o preto, pouco depois succumbiu. Os selvagens tiraram a este o couro cabelludo e desapareceram carregando os machados e as roupas.

Dois annos depois, um homem e uma mulher, o genro e a filha de Franklin, voltavam, em um car-

ro de bois, á fazenda. Inopinadamente, os indios, que estavam de emboscada, atiram-se sobre elles, abatem-n'os e os deixam inanimados e nús sobre o solo. A mulher, depois de um certo tempo, voltou a si, arrastou-se até perto do marido e o chamou: era já frio cadaver. Então, embora ferida e balda de forças, conseguiu caminhar até á Missão. Recebida pelas nossas Irmãs e cercada de todos os cuidados, sarou, ficando, porém, cega de um dos olhos. O pobre Franklin foi forçado a retirar-se.

Em ordem chronologica deveria narrar agora a morte dos nossos inolvidaveis Irmãos — 1.º de Novembro de 1934. Disso falaremos diffusamente á parte, afim de mencionarmos agora factos posteriores.

Pequena victima

Em 12 de Junho de 1935, um laconico telegramma avisava o Superior da Missão de um novo crime: "Chavantes mataram filho Raymundo, 400 metros casa, debaixo linha telegraphica. — Padre Poli".

No mesmo dia, tendo confiado as pesquisas aos mesmos indios Borôros, maravilhosos *detectives* da floresta, o drama se reconstruiu assim:

A casa de Raymundo, collocada na antiga colonia do Sagrado Coração, perto do "Tacho" (riozinho que a circumda por tres lados), fica escondida entre o arvoredos, a uma legua da actual Missão de Meruri. O regato offerece pelo lado leste, a 400 metros da casa, um commodo esconderijo; á direita, vê-se o mesmo curso de agua e a estrada para

Araguayana (Antigo Registro de Araguaya); á esquerda, continua o mesmo riacho invadeavel daquelle lado a um terreiro fechado com arame farpado. A estrategia dos assassinos estudou bem a posição. Um indio, trepando numa arvore, ficou de atalaia e deu signal aos companheiros, imitando o canto de um passaro. Perto do esconderijo se collocaram quatro homens, escondidos entre o capim da altura de dois metros; dois outros, na margem opposta, impediriam a estrada.

Na casa, não suspeitavam de nada. A mãe tinha preparado o almoço para os homens que trabalhavam na plantação. Eram 9 horas. A um signal da sua mãe, o menino de 12 annos, que brincava no terreiro, sella um animal, arma-se com um facão, prende a rede e um cobertor ao sellim, monta e parte, segurando com a mão esquerda o samburá de viveres. Um cão de guarda, amarrado, o acompanhava.

Até ao vau do pequeno rio, nada havia de anormal. Quando chegou á margem opposta, notou uma estranha resistencia no cão, que seguia, mas arrastado. Voltou-se: o pobre animal tinha sido frechado com um golpe de mestre, e, tendo a setta penetrado perto da carotida, saiu ao lado de um dos olhos! O pequeno não teve tempo de refazer-se da surpresa, quando quatro demonios, completamente nús, estacaram atrás d'elle, impedindo-lhe a retirada. Soltou um grito lancinante, tocou o animal para frente, mas os outros o impelliram para a esquerda, indo dar no arame farpado. Deram-

lhe uma forte cacetada na nuca e a victima caiu de borco com os braços abertos. Os bandidos arrancar-lhe então as roupas, quebraram-lhe todos os ossos, menos os da cabeça, e fugiram.

A expedição de desforra

As autoridades governativas, sabedoras do facto, impressionaram-se e o chefe de Policia da Capital autorizou o delegado de Araguayana, por telegramma, a preparar uma escolta para defender a zona ameaçada. De Araguayana então pediram armas e munições, mas lhes foi respondido de Cuyabá que suspendessem tudo, á espera de instrucções do Governo Federal.

Os parentes da victima, porem, tinham já seguido. Armados como melhor puderam, reuniram-se umas vinte pessoas e, sob o commando do avô do menino, Bento da Costa Filho, passaram o Rio das Mortes, no dia 3 de Agosto de 1935. Seguiram as pégadas dos indios por mais de duzentos e cincoenta kilometros, e finalmente, á tardinha, descobriram uma aldeia, ao abrigo de uma collina, pouco distante de um rio. De noite, á claridade das estrelas, barraram silenciosamente todas as saidas, só deixando livre uma, que ia ter a um bambual. A intenção era não matar ninguem, mas sómente espantar os indios, para impedir que elles praticassem novos delictos. Durante a noite, os vigias tiveram uma surpresa. Ouviram uma mulher falar em portuguez: — “Sae daqui, cachorro”. — Quem era

aquella mulher? uma brasileira? Como tinha ido para lá?

Pela madrugada, os excursionistas descarregaram suas espingardas para o ar. A este signal ouviu-se ainda um grito em portuguez: — “Civilizados!” — acompanhado por uma fuga desordenada de homens, mulheres e crianças, todos em completa nudez. Bento e os seus homens se assenhorearam da aldeia e encontraram provisões extraordinarias de milho, algodão e armas de indios; encontraram tambem os dois machados dos camaradas de Franklin, com a rêde e a camisa do menino assassinado. Para não lhes deixar a possibilidade de se armarem e para que a lição fosse proveitosa, ordenaram que se ateasse fogo ás cento e cincoenta e quatro cabanas da aldeia. Os selvagens, de longe, gritavam e lastimavam o facto. — Uma mulher teve a coragem de avizinhar-se e injuriá-los em lingua portugueza: — “Que gente ruim, estão queimando tudo; nós não fizemos nada!...”

O Bento respondeu, exprobando-lhe a longa serie de seus delictos.

Ao voltar, a expedição encontrou quatro dos animaes mortos, transpassados pelas frechas dos selvagens, no lugar onde os haviam amarrado; os mesmos homens perseguidos são de momento assaltados. Elles responderam então, decarregando suas armas de fogo.

Os selvagens fugiram, deixando no local tres mortos: um homem, um moço e um menino.

A 16 de Outubro, outra expedição, capitaneada por Sergio Brun, refez o mesmo caminho para ex-

plorar as possibilidades auríferas e diamantíferas da zona descoberta. Resultados negativos: nem ouro, nem diamantes, nem índios!... Ao voltarem, porém, aproximando-se da nossa colônia, avistaram, na direção oposta á aldeia queimada, as fogueiras dos Chavantes.

Enigma

Como se explica o conhecimento do português entre os Chavantes?

Fazem-se diversas conjecturas:

1. Elles conservaram o uso da lingua que ao menos uma parte tinha aprendido no tempo de longinqua civilização;

2. Talvez meninas brasileiras, roubadas pelos selvagens, ensinaram aos filhos a lingua materna;

3. Pode ser que criminosos brasileiros, procurados pela policia, se tenham refugiado entre elles.

4. Cerca de 200 annos atrás, no tempo dos Bandeirantes, os faiscadores de ouro se fixaram em tres lugares: Cuyabá, Sant'Anna dos Arraes, no Rio das Mortes, a dez leguas da cascata das Cruzes (antiga "Fumaça"), e Goyaz. Depois a população de Sant'Anna dos Arraes emigrou em massa: parte desceu a correnteza do rio, desembocando no Araguaya e seguindo para Goyaz, e parte o Rio das Mortes, penetrando nas florestas virgens daquelle territorio, ainda inexplorado. Nenhum voltou e não se soube mais nada do seu destino.

Talvez foram esses elementos que tiveram contacto e se confundiram com os Chavantes.

5. Os Chavantes, como asseveram pessoalmente os Carijós e numerosos civilizados das margens do Araguaya, estão ainda em comunicação regular com os Cherentes. Individuos dessa tribo e algumas vezes bandos inteiros se internam nas florestas e pantanaes da margem esquerda do Araguaya e do Rio das Mortes, desaparecendo para sempre.

Esta ultima hypothese, que nos parece a mais provavel, dirimiria todas as difficuldades.

Como quer que seja, si é verdadeiro o facto de terem ouvido falar em portuguez os que compunham a expedição de represalia, nós, missionarios, agradecemos a Nosso Senhor, porque na occasião em que entrarmos em contacto com esses indios, poderemos fazer-nos logo entender, tornando assim immensamente mais facil a nossa obra de evangelização.

III

A CRUZ NO RIO DAS MORTES

Tomada de posse

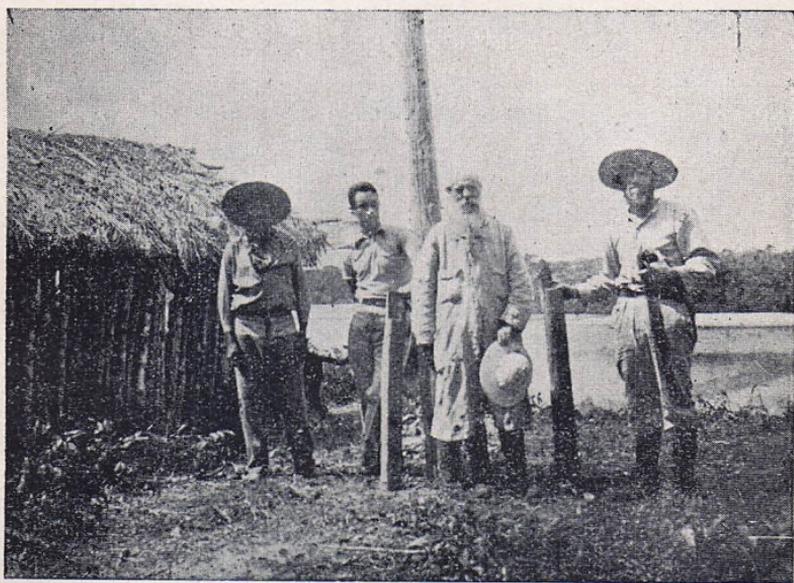
Há varios annos que as tentativas de ter contacto com os Chavantes se succediam sem resultado. Eram, porem, simples escaramuças. Os Superiores hesitavam em lhes dar a folha corrida para o martyrio. Por fim, o heroico e perseverante ardor do Pe. Fuchs triumphou.

Em Janeiro de 1932, obteve licença de estudar e preparar um plano de penetração. Faltavam, porém, os meios. Foi procurá-los em Lageado, em Cuyabá, em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Conceição... Em Junho, uma piróga subiu o Araguaia; é elle que vae occupar o seu posto.

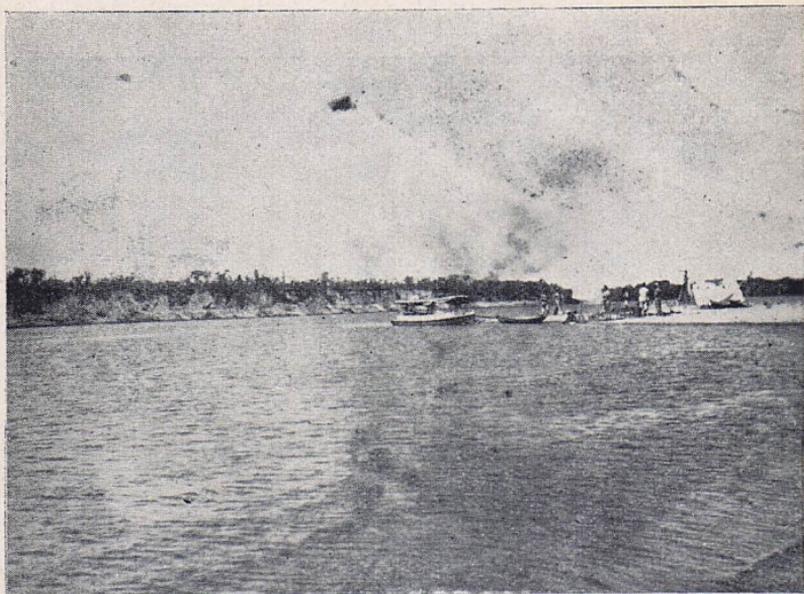
No dia 23, vespera do seu onomastico, desembarcou em um ponto chamado pelos Carajás "*Barreira dos Chavantes*" e tomou posse em nome de Christo, do territorio dos Chavantes, erguendo entre o rio e a floresta uma enorme Cruz de cinco metros. Assim tinham feito os grandes exploradores em recuados tempos, nos seculos passados: Christovão Colombo, Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama, Anchieta e outros.



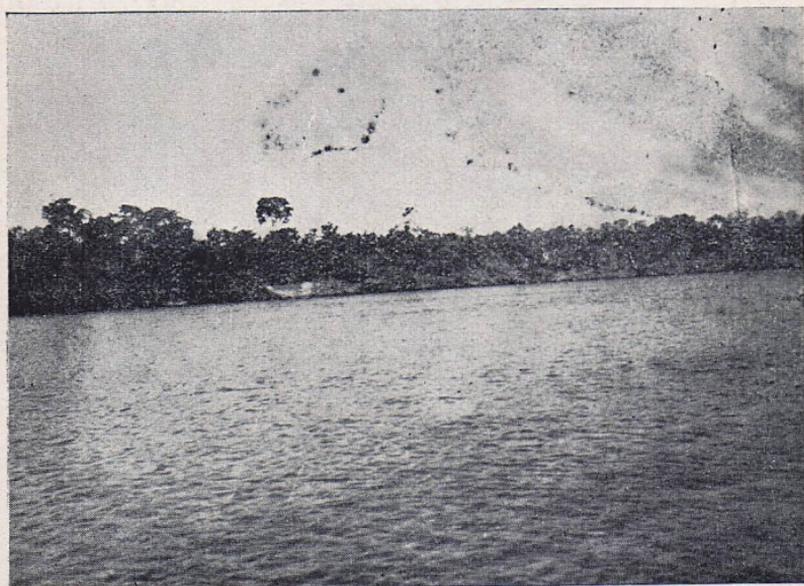
Signaes visiveis da passagem dos Indios



Cruzeiro mutilado pelos Chavantes, com 'os braços arrancados
(Rio das Mortes) }



Acampamento em frente ao barranco onde foram victimados os
dois Padres. Avista-se ao longe a fumaça do fogo
dos Chavantes



Barranco onde os dois Missionários encontraram a morte

No mez de Julho, o Pe. Pedro Sacilotti, então Director do Collegio de Araguayana, ponto extremo da nossa Missão, o alcançou em “Cocalinho”, pequeno povoado, na margem esquerda do Araguaya. Nos primeiros dias de Agosto começou a penetração. A expedição era composta pelo Pe. Fuchs, Pe. Sacilotti, e os camaradas Manoel Marques, Antonio Panta e Martinho. Alguns animaes completavam a caravana.

A quatro de Agosto, ei-los acampados na margem direita do Rio Crystallino. E’ preciso atravessá-lo: é vorticoso e profundo; além disso, enxames de araias insidiam suas aguas. As suas esporadas causam febre e dores terriveis. Si qualquer delles fosse golpeado, a expedição estaria esphacelada. No dia seguinte começaram a passar os animaes. Tudo correu bem; em seguida, a carga, que se devia transportar sobre a cabeça, chegando a agua até o pescoço; por fim passaram os Padres. Não houve nenhum incidente. *Deo gratias!* Continuaram a marcha, mas sem encontrar agua. Para se comprehender o que é a sêde, é preciso tê-la soffrido, debaixo do céu tropical. De noite, abriram buracos profundos, até encontrar um pouco de agua enlameada, com que fizeram café. No dia seguinte, transcrevendo o Evangelho do dia — XII Dominga de Pentecostes — o Pe. Fuchs, encantado da sua sorte, escreveu: “Felizes os olhos que vêem o que vós vêdes. Eu vos garanto que muitos prophetas e reis desejaram ver e não viram...”

Não fez nenhum commentario. Acrescentou, ao invés, que é impossivel de noite pregar olhos por

causa dos mosquitos e das feras que assaltam o acampamento. O Pe. Sacilotti matou, com um tiro num dos olhos, um enorme jacaré. Os burros, espantados, fugiram e a expedição teve que esperar tres dias! Assaram a cauda do jacaré abatido e a comeram. No dia dez encommendaram-se a Sto. Antonio e acharam os animaes.

Ninguem pode calcular o encanto destas viagens a cavallo, na floresta.

Não nos devemos, porem, preoccupar com os ar-repios insolitos que causam os ramos agitados pela aragem, nem com o cicio de asas negras que passam e tornam a passar, resvalando pelas nossas cabeças. Quem pode espantar-se é o animal, pelo apparecimento improviso de um veado ou de um tatú que, despertando sobresaltados, pinoteiam e fogem.

Espectaculo grandioso e selvagem!

Nas florestas do Brasil, a vegetação se desenvolve com uma exuberancia phantastica. Si as ondas do mar e as estrellas do firmamento apregoam a grandeza de Deus Criador, a immensidade das campinas verdes hosannam sua gloria! A mesma morte exalta o poder do Autor da vida. Sobre o tronco decrepito de uma planta decepada, despon-ta uma immensidade de rebentos. E' o triumpho da vida sobre uma natureza virgem, que o homem ainda não desfructou e depauperou.

— "... A certa altura, não se pode mais proseguir a cavallo; é preciso descer e abrir caminho a força de machado" (diario).

E' então que animaes e bagagens se chocam e entrechocam, produzindo uma caminhada fastidiosa e monotona. O chão é um amontoado de ramos emmaranhados, de troncos de pé e empenados, cobertos de musgo, cheios de parasitas, enredados por lianas gigantescas. O sol já vae alto no horizonte, mas seus raios não conseguem coar na espessa ramaria fortemente entrelaçada. Tem-se a sensação de caminhar numa galeria submarina, ou na penumbra crepuscular de uma cathedral da meia-idade.

Continua o diario de expedição: "Estamos de novo sem agua. Sobrevém a noite. Pousou. De um buraco tirámos um pouco de agua amarellecenta e suja. Nos dias seguintes encontramos um rancho abandonado pelos indios.

Diario: — Passamos o dia 16 ainda sem agua. Ao anoitecer, encontrámos um fosso com agua estagnada, e para lá se atiraram avidamente homens e animaes. Tirámos o sufficiente para preparar o arroz e o café".

Não se deve estranhar o frequente uso dessas, vitualhas no sertão e no matto! Sob os raios ardentos do sol tropical, não há pão que valha e muito menos vinho ou licores: só o arroz cozido na agua (quando se encontra) e a carne secca, quando desprovida de saltões importunos... Eis o alimento do Missionario, quando viaja no *hinterland*. Em seguida, o café, producto principal da Nação, e que, além de ser um cordial maravilhoso, tira a sêde e é tambem um optimo reagente contra as febres.

Salvadores de almas

No dia 19 de Agosto, celebrou-se a primeira missa, na margem direita do Rio das Mortes. O Pe. Fuchs escreveu no seu lembrete: — “Offereci a sagrada Hostia e o precioso Sangue de Jesus, Redemptor de todos os homens, pela salvação dos Chavantes. — *“Famulis tuis subveni, quos pretioso sanguine redemisti”*”.

No dia 24, ás cinco horas da tarde, uma grande Cruz, benzida pelo Pe. Sacilotti, foi erguida em frente ao caudaloso rio. E’ a primeira pedra da nova Missão. Construíram um *rancho*, a que deram o nome de “Sta. Teresinha”.

Virão os índios? Infelizmente, não puderam esperar por mais tempo, porque os viveres iam escasseando. Era preciso voltar. Tiveram que refazer acabrunhados o caminho percorrido, como soldados constrangidos a uma retirada, abandonando armas e posições. A respeito desta retirada o diário diz sómente: — “Outras trinta e oito horas sem beber”.

Festejaram o Nascimento de Nossa Senhora em Cocalinho e, no dia 16 de Setembro de 1932, chegaram á nossa Casa de Araguayana.

Para os apreciadores de *records* deve salientarse que o Pe. Fuchs percorreu em nove mezes, 9.790 kilometros, assim divididos: 860 em auto-carro; 1.280 em estrada de ferro; 4.200 em lancha; 3.000 em canôa; 450 a cavallo e a pé.

Foi a ultima vez que veiu a terras civilizadas, para angariar meios com que pagar a lancha-auto-

movel, indispensavel para as excursões de 1933 e 34.

Falava continuamente das suas idas e voltas sobre o Araguaya.

Era um especialista no genero. Quantos banhos involuntarios não tomou ao descer impetuosas corredeiras ou nos saltos das cascatas, ou dos despeñhadeiros de agua que caem da altura em cachões! Que tormento não eram os pernilongos, as muriçocas, os maruins e os borrachudos. Que penuria de viveres em certos dias! E que dormidas incommodas por mezes e mezes! Lastimava o tempo que se perde com embarcações a remo. Os protestantes da zona araguayana já possuíam duas modernissimas lanchas motorizadas. — Nós, concluiu elle, dar-nos-emos por muito felizes si conseguirmos ao menos uma, que collocaremos no Rio das Mortes para explorarmos especialmente a margem esquerda, por onde vagueiam os Chavantes. Desejariamos que a conversão desses terriveis indios se effectuasse no anno da cano-nização de D. Bosco. Há, de facto, perigos reaes, mas os descobridores de diamantes, e os colhedores da borracha tudo arriscam para enriquecer. E nós, salvadores de almas, ficaremos atrás? A custo de qualquer sacrificio e até da propria morte havemos de estabelecer-nos no meio dos Chavantes!

No dia 7 de Junho de 1933, o Pe. Fuchs recebeu em Belem, Capital do Pará, onde desagua o Tocantins, que tem como affluente o Araguaya, a lancha-automovel, que foi benzida com o nome de “Maria Auxiliadora” pelo Pe. Antonio Della Via, outr’ora

Inspector do Matto Grosso e Goyaz. Uma companhia de seguros de vida offereceu-lhe um contrato em condições onerosissimas, que elle recusou, dizendo: — “Preferivelmente faço seguro de vida com as almas do Purgatorio, compromettendo-me a celebrar nove missas consecutivas. E’ mais barato e mais seguro!”

— Não parta, aconselhavam-lhe todos; o rio está em vasante e as corredeiras á flor d’agua são muitas, umas quarenta antes de se chegar a Conceição. O Pe. Fuchs não deu ouvidos aos amigos e, recommendando-se a Maria Santissima, ás almas do Purgatorio e ao seu Anjo da Guarda, partiu.

No dia 24, encontrou os passageiros (umas dez pessoas) da “Couto Magalhães” e da “Zeca”, lanchas desaparecidas, dias atrás, nas cachoeiras de “Itaboca”. Adiante, em nome de Deus! Por muitas vezes a “Maria Auxiliadora”, pilotada por um pratico, se viu perdida e em outras tantas foi salva. No passo de S. Bento, uma falsa manobra a atirou de novo na força da correnteza. Volteou e revoltou, rodopiando sobre si mesma, precipitou-se, foi de encontro a um penedo, saltou sobre as rochas, a helice se empenou e o motor parou!... Era o naufragio? — Não! O Pe. Fuchs dominou a situação! Nada encontrou partido... Adiante, *in Domino*, no nome do Senhor!

Campeões de Christo

No dia 25 do mesmo mez, sentiu os primeiros symptomas da febre palustre. Não pôde mais celebrar a santa Missa, e mais tarde, elle, o homem de

tempera de aço, escreveu no seu canhenho: — “Cabeça em chammas, estomago revoltado, febre alta, desfallecimento...” — “... Arrastei-me por duas semanas a fio sem tomar sombra de remedio e teria morrido, si não houvesse chegado a Conceição, onde os bondosos PP. Dominicanos me receberam e trataram com infinita caridade e carinho. A 25 de Julho, pude celebrar a Santa Missa, em acção de graças.”

Pela primeira vez, depois de sua doença, a 15 de Agosto, sentou-se á mesa commum com os PP. Dominicanos e, no dia 16, embora fraco e esmaecido, sem que ninguem o pudesse deter, levantou a ancora, ás tres depois do meio-dia. No dia 27, commovido de alegria, entrou no Rio das Mortes.

Em Santa Teresinha, onde desembarcou a 5 de Setembro, ás 5 da tarde, encontrou intactos o rancho e a Cruz. No dia 6, pagou á Companhia de Seguros “Almas do Purgatorio” uma missa a mais do estabelecido.

Tinham-na merecido galhardamente, protegendo assim a longa, accidentada e perigosissima viagem de Belém do Pará ao Tocantins, deste ao Araguaya e ao Rio das Mortes!...

Naquelle tempo, o R. P. Carletti, Inspector dos Salesianos, achava-se em Araguayana, em visita inspectorial. Communicou ao Pe. Sacilotti a sua intenção de mandá-lo como Director ao Collegio de Cuyabá. Sabia da sua paixão pelos Chavantes e que esperava sómente a licença para se unir de novo ao Pe. Fuchs. Pois bem, nessa occasião, se revelou ainda perfeito religioso. Sem perturbar-se,

disse que estava disposto a seguir qualquer obediencia, mas, si lhe era licito desejar, ambicionava ficar por lá: — Quando pedi para ir ás missões, disse elle, entendia ir além do Rio das Mortes. Nosso Senhor me quer lá”.

Não lhe pôde negar esse favor.

Combinaram então, que iria alcançar o Pe. Fuchs em Sta. Teresinha, por terra, partindo de Cocalinho. Emquanto, porém, se activavam os preparativos da expedição, chegou um telegramma dos RR. PP. Dominicanos de Conceição, annunciando o estado grave do Pe. Fuchs. Pensou então o R. P. Inspector adiar tudo para o anno seguinte, mas, o Pe. Sacilotti lhe observou, respeitosamente, dizendo: Conheço a força daquellas febres. Em uma semana se sara ou se morre.

— E si o Pe. Fuchs morresse?

— Não há de morrer. Temos que ir juntos até lá. Não receie. O Pe. Balzola esperou perto de um anno antes de ter contacto com os Borôros. Nós esperaremos tambem, mas lá e não aqui. Si os Chavantes não vierem, nós iremos á sua procura. Perigos, certamente, encontraremos. As chuvas, o pantanal, a alimentação, os mosquitos, os animaes bravios... os proprios indios... Quantas vezes os Borôros, ás escondidas, não chegaram a poucos passos da Missão, tencionando acabar com tudo!... Deus não permittiu. Mas si para a evangelização dos Chavantes fossem necessarios um, dois ou tres martyres...” Não acabou a phrase. Mudou de feição, sorriu, ergueu o rosto para o alto e murmurou: “Assim Deus o permittisse!”



Jangada que os Chavantes usam para atravessar o Rio



Lugar onde foi encontrado o corpo do P. Fuchs.



Lugar onde foram sepultados os dois Sacerdotes. As águas do rio, nas enchentes, levaram parte do barranco onde elles estavam sepultados



Lugar onde foi encontrado o P. Sacilotti

A pobre vida humana é composta de separações continuas, que nos predispõem para a ultima, a mais dolorosa! Aquella era a ultima, infelizmente!

La noite alta: o céu sem lua, porém crivado de estrellas. Ao longe, para além do Rio das Mortes, na mattaria, resequida pelo sol inclemente, descortinámos um formidavel incendio. O clarão se estendia por kilometros e kilometros, avermelhando o horizonte. Era um espectáculo insolito e aterrorizador. Quem tinha accendido aquella enorme fogueira no territorio dos Chavantes?

Ficaram alguns instantes a contemplar aquelle fogaréu immenso com um nó na garganta e os olhos humedecidos. Parecia um facho descommunal, erguido por centenaes de braços, implorando muda e desesperadamente pronto soccorro! Era o S. O S., escripto em labaredas de fogo!

O Pe. Sacilotti parecia transfigurado! Olhava como si estivesse hypnotizado! E nos olhos que lacrimejavam, e na pessoa que vibrava parecia querer dizer:

“Sim; iremos, irmãos, iremos!...”

* * *

A data do nascimento de Nossa Senhora (8 de Setembro) foi dia de grande festa no rancho Santa Teresinha. O Pe. Sacilotti e o Coadjutor Pellegrino tinham alcançado o Pe. Fuchs e Luiz Kapuceva. Acompanham-n’os os camaradas Manoel e Marques Sebastião com tres burros de carga e quatro cavallos.

IV

A LUTA PELA VIDA

“*Primum vivere!...*”

O “*primum vivere, deinde philosophare*” dos antigos romanos tem no “*hinterland*” uma perfeita actuação. A difficuldade dos transportes, tornada impossivel na occasião das aguas, obriga o Missionario a prover-se do necessario para a vida, antes mesmo de pensar nas almas. E isso pede-o á terra!

Encontrando um lugar adequado, deve amanhar o solo e semear. Será um penoso trabalho no primeiro anno, mas é um trabalho do qual não poderá jámais eximir-se. Assim assegura o porvir da obra; e si elle consegue reunir ao redor de si os *meninões* selvagens, poderá, não digo completamente, mas, ao menos, em parte ajudá-los nas necessidades da vida.

Os nossos dois intellectuaes, embora não acostumados, especialmente o Pe. Sacilotti, áquelle genero de vida, puzeram-se rudemente ao trabalho, começando a abater os gigantes da floresta. O fogo completou a obra, destruindo a macéga e o tojeiro; reduzindo a cinzas fecundadoras as arvores e

os troncos espalhados naquelle chão tão rico de seiva secular. Em seguida, vem a sementeira do arroz, do feijão, com a plantação da mandioca e da canna de assucar. Na expectativa da colheita, alimentam-se de caça e de peixe.

Pouco depois, começaram as explorações fadigas e enervantes, enervantes pela incerteza do ignoto que deve decidir da obra e talvez da vida. Os dias passam, as semanas correm lentamente; succedem-se os mezes e nada á vista, sinão a immensa e desesperadora solidão...

“Tempo perdido, ardor desperdiçado, vida exposta inutilmente...” pensa assim o mundo, que não comprehende os designios de Deus.

Quantas coisas o mundo não entende! Pensa, por exemplo, que a vida é só passatemplos; para o missionario, ao envés, é renuncia. — “A felicidade não está nas riquezas, diz Nosso Senhor, mas sim na pobreza, nas humilhações, nos soffrimentos”. — Quantos lobrigam na religião apenas uma homenagem ao Criador e um meio para conseguir um bem estar material! Por isso pedem-lhe sómente dinheiro, pão, saude... Mas Jesus lhes diz: “Tomaes o meu jugo e carregae a vossa Cruz!”

Por isso o Missionario, que entrou nos planos da Providencia, tudo abandona e tudo sacrifica por ella e pelas almas; e não desanima nas suas empresas, embora lhes causem sómente desillusões, abrolhos e espinhos. Elle sabe muito bem que quando Deus se compraz em accrescentar uma gema á sua corôa, sabe adivinhar o tempo para face-tá-la á sua vontade. Deus escolheu estes tres ho-

mens — Fuchs, Sacilotti e Pellegrino — bons religiosos, na verdade, mas imperfeitos e apegados á vida como qualquer outro homem, para fazer delles imitadores fiéis de seu Filho Crucificado... Mas decorreram dois annos para que, nos seus escolhidos, o desapego de tudo e o amor pela Cruz se transformassem em loucura e em sêde inextinguivel do "*cupio dissolvi et esse cum Christo*".

Canto de motores

Foi o Pe. Sacilotti que se abalançou, primeiramente, em explorações arriscadas. Dois homens o acompanharam com o intento de subir o curso de um affluente desconhecido, que desagua no Rio das Mortes, a trinta kilometros mais para baixo. A quinze de Setembro, porém, voltaram descoroçados e o Pe. Sacilotti escreveu: "Nenhum vestigio de indios; margens arenosas, terrenos descampados, sem florestas".

Dois dias mais tarde, desencadeou-se um furacão que durou 18 horas. Chuvas torrencias, relampagos, trovões e raios em zig-zag. A cobertura da casa improvisada se transformou em chuveiro! Não tinham guarda-chuvas; por isso homens, animaes, armas e bagagens se molharam, ficando en-sopados, e escorrendo agua como si saíssem de uma immersão.

Na madrugada do dia 23, acordaram ao rumor de um barulho insolito. Que será? Dir-se-ia o canto de um motor. Depois de duas horas, appareceram no rio, não uma, mas duas lanchas-automoveis

com o Coronel Borges á frente, á procura de diamantes. Elle disse ter visto mais abaixo, boiando, numa enseada do rio, um certo numero de jangadas, que os Chavantes usam para passar á outra margem. — *Deo gratias!* — exclamaram os nossos.

Os garimpeiros retomaram a viagem, depois de breve descanso, e o Pe. Sacilotti deliberou partir no dia seguinte. Era o dia 24 do mez em que se commemora a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, e por isso dia festivo.

Na choça coberta de buriti, Jesus não só se digna descer todos os dias pela manhã, afim de alimentar as almas sequiosas de amor, mas ahí permanece de dia e de noite, no pequeno tabernaculo. Foi naquella occasião que usaram pela primeira vez o calice offerecido pelas Irmãs do Coração de Jesus do Rio de Janeiro e os paramentos dados de presente pela suas co-irmãs de Campinas. A oração do Missionario, nessas occasiões mais fervorosa, sobe até ao throno de Deus, afim de pedir graças para todos os bemfeitores da Europa e da America.

No dia seguinte, pois, o intrepido Pe. Sacilotti, Pellegrino (até elle!...) e dois camaradas desceram o rio á procura dos Chavantes. Depois de cinco dias, toparam com as jangadas indicadas, desembarcaram e se encaminharam nas pégadas dos Chavantes. Atalhos batidos, ramos desgalhados, fogos extinctos... Encontrá-los-ão? Não. A hora não tinha ainda chegado. Perderam todos os signaes ao chegar á floresta, onde sómente podiam

penetrar á custa da machadinha... Por isso, voltaram.

“— Durante esse tempo, nota o Pe. Fuchs, fazemos guarda á choupana eu, Marques e Jesus no Tabernaculo”.

No dia 1.º de Outubro, o Coronel Borges, quasi sem combustivel, desanimado e preocupado com o perigo das corredeiras, voltou, sem ter descoberto o menor diamante.

Que differença entre as empresas de Deus e a dos homens! Estes se acabrunham, quando menos lhes sorri a ambição e o lucro que esperam...

O Missionario catholico, ao contrario, seguindo o exemplo do Bom Pastor, cuida das suas ovelhas uma a uma. Chama-as pelo nome, estuda o seu character e necessidades, compadece-se dellas e ama-as. O Missionario não faz questão do numero. Para elle, sacrificar-se por uma ou por cem, é a mesma coisa. Não faz questão de interesse.

Homenagem sincera

Seja-nos licito aqui accrescentar uma palavra de homenagem sincera ao Governo Central e aos Governos Estadoaes. As nossas missões sempre mereceram delles o seu auxilio e a sua benevolencia. Isso seja dito á bocca cheia. Nas Camaras Legislativas, o mesmo aconteceu, quando votaram verbas especiaes para a catechese dos selvicolas. Para empresas daquella envergadura não há dinheiro que chegue, pois, de vez em quando, surgem difficuldades que não se solucionam sómente com pala-

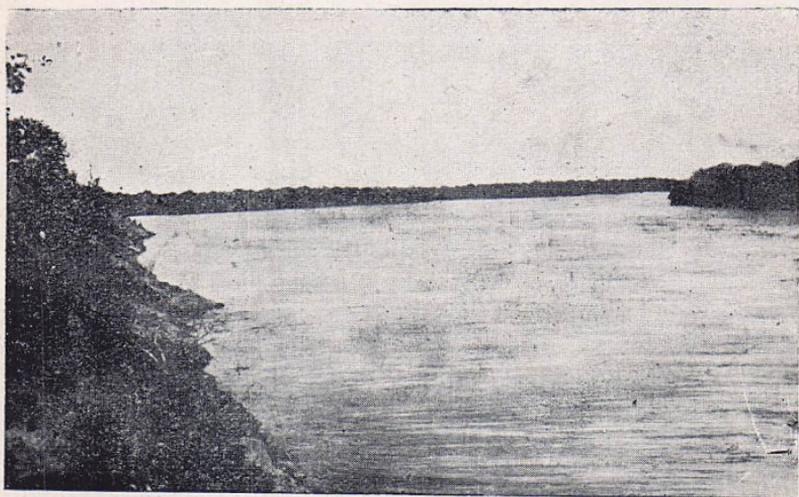
vras ou com bôa vontade. Quando se tratou da aquisição do auto-capella para facilitar as excursões missionarias, no vasto territorio habitado pelos indios do Matto Grosso, quantas difficuldades não tivemos que superar! O Pe. Fuchs, ideador generoso desse plano, bem o poderia dizer, si ainda vivesse. Assim, para a aquisição da lancha-motor. Elle mesmo andou por Secca e Mecca, enfrentando innumerous aborrecimentos e subiu depois até ao Pará e de lá encetou com a "Maria Auxiliadora" perigosissima viagem pelo Tocantins, andando por paus e por pedras, até ao Rio das Mortes! Si não morreu de desastres e impaludismo, nessa occasião, foi porque Nosso Senhor lhe reservava uma morte mais gloriosa e digna dos seus innumerous trabalhos apostolicos. Não se diga que essa commodidade é um luxo. Hoje em dia, com o pouco pessoal de que dispomos, precisamos ganhar tempo e facilitar as peregrinações entre os aborigenes, com esses meios de transporte mais commodos e mais rapidos. Assim fazem os encarregados dos serviços federaes de protecção aos indios; assim fazem os nossos irmãos separados, os Adventistas do 7.º dia e os missionarios catholicos de todas as latitudes. O celebre Antistite e estrella de primeira grandeza do Episcopado Brasileiro, D. Antonio Macedo Costa, quando Bispo do Pará, ideou o maravilhoso Navio-Capella para as suas peregrinações apostolicas entre as povoações ribeirinhas do caudaloso rio Amazonas, e dos não menos caudalosos affluentes, mas não levou a cabo essa grandiosa empresa por... falta de dinheiro.

Vem a pello transcrevermos aqui as reflexões que colhemos no “Annuario” do Lyceu Coração de Jesus, de 1933:

“Si há obra que mereça toda a protecção do Governo, é a obra das Missões entre os selvícolas. Todos os auxilios que se prestarem aos abnegados e verdadeiros evangelizadores da paz e do bem são poucos, em confronto com os enormes, com os collossaes beneficios que auferem o Estado e a Sociedade, tendo em vista os nunca assaz elogiados trabalhos dos anonymos filhos da Igreja, os Missionarios. Deviamos abrir nossas arcas, para subvencionar esses preclaros desbravadores dos sertões, pois, com a penetração das selvas, chamam para o convivio da civilização tantas criaturas perdidas nos descampados e nas caatingas, sem outro ideal que a barbaria e o morticínio. Salva-se até a propria brasilidade!”

A Deus praza que não se applique aqui o pensamento de Juvenal: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas!* Queremos dizer que nem sempre os inimigos do bem acertam em seus arrazoados. Pode muito bem ser que, uma ou outra vez, elles troquem as suas apreciações, attribuindo aos corvos o que deviam emprestar ás pombas. Infelizmente, a sociedade está cheia desses falhos analysts!

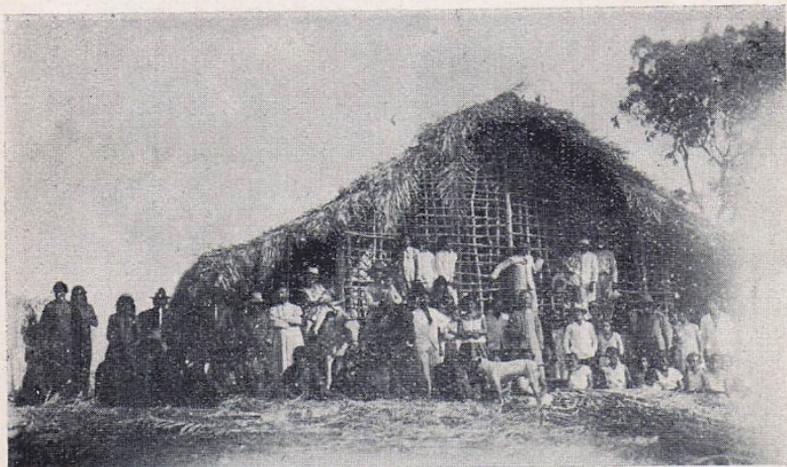
No dia 3, nota o *diario*: “Celebro a Santa Missa em louvor de Sta. Teresinha, para que deixe cair algumas petalas de rosa sobre a missão”. Em meados do mez, o Pe. Sacilotti partiu. Foi a Cocalinho com dois camaradas e os animaes de carga para



Lugar onde os Missionarios avistaram os dois indios



Rio das Mortes



Photographia tirada em Matto-Verde pelos PP. Fuchs e Sacilotti



Panellas de barro onde os Carajás collocam os ossos de seus familiares (Rio Araguaya)

novas provisões. A viagem foi rápida e feliz. No dia 20 estava de volta. No dia 30 deixaram todos, provisoriamente, a residencia, com um duplo fim: explorar o curso inferior do rio e começar a Missão, intitulada "S. Francisco Xavier", em frente da Ilha Bananal, em beneficio dos Carajás. Esta ilha é formada por dois grandes braços do Araguaya, que se abrem e se restringem, depois de oitenta kilometros. O mez de Outubro foi empregado em visitar as aldeias dos indios Carajás e em construir uma casa sobre uma barreira chamada Matto Verde, ao abrigo das enchentes.

No dia 3 de Dezembro, tomaram posse da nova missão e celebraram a primeira Missa diante de um alentado grupo de Indios atonitos, que assistiam, com o seu chefe, ao Santo Sacrificio, todos nos seus trajos adamiticos!

V

OS INDIOS CARAJAS

Uma lenda

Narram os velhos da tribo que os Carajás viviam, em tempos que já lá vão, felizes e immortaes no *fundo* do Rio Araguaya.

Um dia, o filho do cacique caiu doente. Tentaram todos os meios, mas em vão. O caso era grave. Alguns rapazes projectaram então uma viagem, á tona, ao ar livre, e, não obstante a opposição dos velhos, dez se despediram da tribo e emergiram para a superficie do rio. Tudo lhes causou estranheza: o vigor da vegetação, a immensidade da campina, a magnificencia do firmamento, o canto dos passaros! Ficaram estatelados perante tantas maravilhas! De repente, passa-lhes ao lado, em desabalada corrida, um veado magnifico. Tomados do instincto da caça, empunham o arco. Mas o veado parou. Encarou-os e lhes disse: “Não me mateis. Achareis o remedio na cavidade daquella arvore”. Os indios foram ter á arvore indicada e encontraram delicioso mel, que retiraram e levaram.

O rapaz doente provou o mel e sarou naquelle instante. Toda a tribo conheceu então as maravilhas do mundo superior e quiz visitá-lo. Sómente "Cobehi" o mais velho, barrigudo, propheta aziago, resistiu, prevendo as peores catastrophes. Não o attenderam mais. O exodo está decidido. Partem. Um a um deslizam por um buraco estreito que conduz á superficie! O velho "Cobehi", para não ficar só, chorando, os acompanhou, mas a barriga lhe impediu de passar. Por isso, ficará montando guarda á antiga taba, com a mulher e os filhos.

Lá no alto então reinava um entusiasmo incon-tido: Lá se encontrava de tudo: caça, pesca, frutas, mel... Nunca houve tanta festa... Chegou, porém, a estação das chuvas, que traz consigo as mutucas, as febres, as doenças e a morte: a morte, até então desconhecida!... "Voltemos", rosnaram gemendo, os doentes! "Voltemos", berraram as crianças! "Voltemos", gritava em côro toda a tri-bu!... Ei-los que se atropellam á entrada... Ne-nhum, porém, pôde passar, porque um enorme dra-gão lhes impediu a passagem. Foi assim que fica-ram á superficie...

A realidade

Os Carajás são um tanto desproporcionados de membros, porque têm as pernas demasiadamente compridas. Os homens andam nús ou enrolados num cobertor immundo; as mulheres são mais re-catadas. Dominam as aguas do territorio do Ara-guaya. Os meninos, os moços e os homens que pre-

tendem casar ornar o pescoço com contas brancas, o labio inferior com um longo e duro penduricalho, que atravessa a carne e é ornado, na extremidade, com pennas vermelhas. No lobulo da orelha encaixam uma taboazinha redonda, tambem ornada de pennas. Trazem braceletes de algodão nos punhos e nos tornozelos. Pintam-se de “urucum” de alto a baixo, desenhando linhas geometricas com tinta de “jatobá”. A mulher pequena e sympathica, leva uma simples cintura ao redor dos rins, especie de tanga, da qual pende, na frente uma tira de fibra vegetal. A sua alimentação tem como base o peixe, a tartaruga e o “tracoja”. Servem-se tambem de ovos de tartaruga, de bananas e de raizes de mandioca.

A vida familiar é simples. Antes do casamento, as moças são severamente vigiadas. São os paes que, de facto, pactuam o noivado. A cerimonia do casamento se effectua diante do chefe da tribu, que entrega ao homem a esposa, depois que elle tiver dado provas de habilidade nos jogos e de agilidade. A mulher é a verdadeira rainha da casa, sendo amada e respeitada. O marido torna-se de certa maneira o brinquedo da mulher, pela sua vadição e madraçaria, sendo aquella obrigada a amá-lo e tratá-lo bem e pode até chegar ás vias de facto, batendo-o. A mãe occupa o principal lugar na educação dos filhos. Sómente ella pode castigar.

A infidelidade do homem deve ser punida com pancadas, que o capitão da aldeia tem direito de dar ou mandar dar. A mulher pode divorciar-se e casar-se de novo.

Quando chegará a hora de Deus?

Presume-se que, dispersos pelo Araguaya até á confluencia do Tocantins, exista um milheiro de Carajás.

No nosso territorio há poucos. Um numero maior, unido aos "Javahés", pertence aos RR. PP. Dominicanos. Passam o tempo a flechar os peixes, a fabricar armas (arcos, flechas, cacetes, lanças), e a se exercitarem no uso do arco. As mulheres tratam do arranjo da casa e, enquanto esperam o marido, manipulam o barro, fazendo cuias, panelas, pratos, ou então descansam sem nada fazer.

Os meninos brincam e ratoçam entre si, tentam o manejo do arco ou então atiram-se na agua, em exercicios natatorios. As meninas, assentadas no terreiro, modelam, pacientemente, com barro, bonecas... sem camisa.

Relativamente á religião, admittem o deus do mal "Chandiou" e o deus do bem "Cananchiaué", que criou o Araguaya com os seus peixes. Ninguem, porém, é obrigado a honrar este ultimo, porque é muito bom e pateta. Fazem dansas religiosas em sua honra. A sua vida, porém, é um agglomerado de praticas supersticiosas. As doenças e a morte não provêm nunca, segundos elles, de causas naturaes, mas de bruxarias. Para se livrarem disso, devem chamar o proprio feiticeiro. Este ordena ao paciente que se deite de costas. Elle se estende tambem ao seu lado; depois lhe morde brutalmente o ventre e suga o sangue que apparece. Se o doente sára, está muito bem; se morre...

peor para elle. . . Morto, começa o periodo do luto, cantos funebres, que duram semanas. Sepultam o cadaver, que não deve tocar a terra; alguns mezes mais tarde, é exumado diante de seus familiares unidos. Os restos mortaes vão descansar num tumulo *sui generis*: um panellão, ou igaçaba.

Os esforços feitos para a sua evangelização deram até hoje resultados mesquinhos. Os PP. Dominicanos esfalfam-se apostolicamente por elles, mas com pouco resultado, devido á sua vida nomade. O Governo Federal mandou para Ilha do Bananal (Sta. Isabel) uma catechese leiga, que, depois da revolução de 1930, foi chamada. Os protestantes — *Adventistas do setimo dia* — estabeleceram-se na mesma Ilha, em varios lugares. Recentemente, porém, só estacionam em Fontoura. Soará, porém, ainda para os Carajás a hora de Deus!

VI

O DEMONIO ZOMBETEIRO

(Dedicado á piedosa progenitora do Pe. Sacilotti)

Dezembro de 1933 — Janeiro de 1934. — A evangelização dos poucos Carajás encontrados continuava lentamente.

No dia 26 de Janeiro, uma ordem superior chamou os dois Missionarios a Araguayana, onde deviam descansar.

No dia 24 de Março, encontramos-os no Rio das Mortes. Naquelle dia, alcançaram a enseada chamada "S. João Bosco". A cruz jazia por terra, ou, melhor, fôra-lhe arrancado o madeiro transversal. Desapareceram os pregos. Dizem que os Chavantes abatem as cruzes para levarem os pregos; mas o Pe. Colbacchini assevera que nem em todas as cruzes por elle encontradas no chão os pregos foram arrancados. Outro é o motivo que impelle os Chavantes a este vandalismo; di-lo-á elle mesmo, mais adiante, nas paginas que lhe pertencem.

A grande Cruz, reconstruída, avultou majestosa a dominar aquella amplidão desoladora, promessa segura de redempção e vida.

No dia 28, desembarcaram em Sta. Teresinha e, no dia 3 de Abril, o incansavel Pe. Sacilotti desceu o rio. Ei-lo na bahia "S. João Bosco". Todos desceram. A cincoenta metros, existe uma vereda traçada de fresco. Adiante, o mysterio da floresta!

Deixemos a narração a elle, tirando-a de uma sua carta:

"...A um certo ponto, o atalho se bifurca. Em todos os ramos do sinuoso caminho se encontram traços de passagem dos indios. Confiando em D. Bosco e nas orações que tantas almas boas offerecem por nós, tomamos a direcção que nos pareceu a mais trilhada. Saimos numa clareira limpa como um terreiro. Proseguimos por uns dez kilometros ainda sem encontrar ninguem. Embora o sol descambasse no occaso, o calor era suffocante. Mais do que fome tinhamos sêde: era maior, porém, o desejo que ardia em nós de encontrarmos aquellas almas. Eis que, porém, se nos depara improvisamente uma pequena aldeia de poucos ranchos, no modo das casas dos borôros. Caimos de joelhos e oramos. Disse aos companheiros que se escondessem e adiantei-me sózinho, apertando aos dedos o Rosario. Escurecia. Morcegos gigantescos — verdadeiros vampiros — infestavam a região, voltando soffregamente. Ouviam-se ao longe os miados roucos de onças que já saíam das suas tocas, á busca de presas.



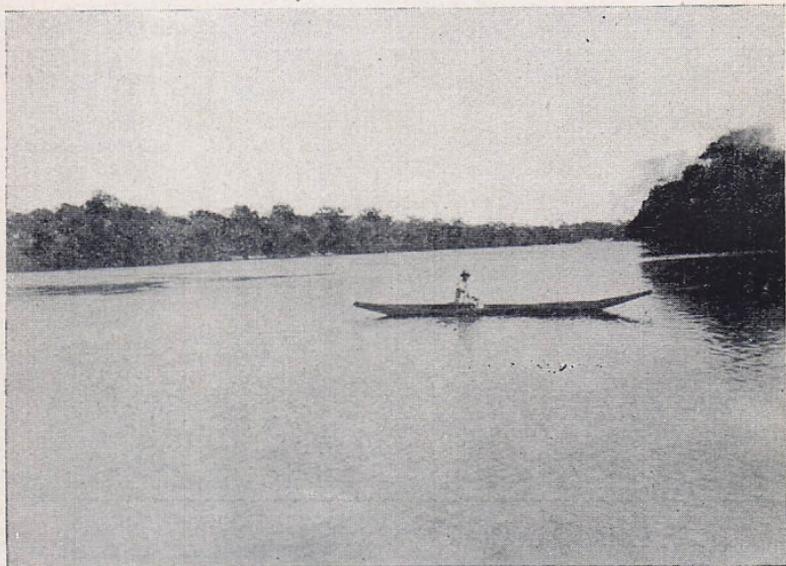
Foz do rio das Mortes



Rancio Sta. Teresinha (Rio das Mortes) Uma face



Rancho Sta. Teresinha (Rio das Mortes) Outra face.



Em Sta. Teresinha (uma canoa) (R. M.)

Entrei no primeiro rancho: estava vazio. Assim o segundo, o terceiro e o quarto... Em todos elles se viam residuos de fogo extinto e ossos despolidos de antas, de porcos do matto e de veados. Eram os sobejos de uma farta refeição, consumida poucos dias antes. Desilludido, chamei os companheiros, com quem visitei minuciosamente as redondezas. Ninguem! Os ranchos bem feitos podiam conter cada um dez ou quinze pessoas. Soltamos alguns foguetes luminosos para attrair a attenção. Não appareceu alma viva! Comemos alguma coisa que só dava engulhos, oramos longamente e deitamo-nos na terra rasa, confiantes no nosso Anjo da Guarda. Os companheiros, extenuadissimos por aquella marcha forçada a pé, ressonaram bem depressa; mas eu lutei para adormecer. Quando tardiamente o consegui, vi minha mente povoada por sonhos estranhos. Parecia-me vem uma malta de Indios que fugia á proporção que eu me aproximava. Gritava, supplicava: — Esperae... ouvi-me... Jesus é que me manda... — Ao pronunciar aquelle adoravel nome, pareceu-me ouvir uma forte gargalhada...

Os pobres indios, que já tinham estacado, afastaram-se de novo e o eco de seus passos se fez ouvir, de longe a longe.

Acordei com os ouvidos saturados daquella immunda gargalhada! Levei a mão ás fontes: ardiam de febre. Os companheiros ressonavam! Pobrezi-

nhos, estavam prostradissimos! Veiu-me então uma grande vontade de chorar! Puxei o rosario e puz-me a rezar. Voltou a confiança e, rezando, adormeci de novo. Desta vez foi um somno restaurador, até ao romper do dia. Celebrei a Santa Missa e tirei algumas photographias. Deixamos aos pés de uma Cruz que erguemos no centro da aldeia alguns presentes para os Indios, e tomamos o caminho de volta...

VII

PRIMEIRA VICTIMA

(Dedicado aos Irmãos Coadjuutores)

E' natural: rigorosamente falando, não tendo outros meios para emittir uma opinião, limitamos ás apparencias. "Deus perscruta os corações e os rins".

Quem teria dado dois vintens pelo pobretão de Pellegrino?

Sacilotti e Fuchs, padres, professores, apóstolos, com um passado de successos e de triumphos, corriam em todas as boccas; mas Pellegrino?!... No entanto, antes do que elles, foi escolhido por Deus para receber a recompensa e o premio eterno. Elle quiz coroar, antes de qualquer outro, o mais simples, o mais humilde, o mais obscuro dos seus servos.

Recebendo a obediencia para o Rio das Mortes, elle, que há dezoito annos não mais viajára, e, rachitico e fraco como era, nunca tivera aspiração alguma, ao receber essa noticia, teve um momento de desanimo.

A Revma. Irmã Gioga, Directora da residencia de Araguayana, que o tratou na sua doença mortal, escreve:

“... Antes de mais nada, convém lembrar que o carissimo Irmão sentiu immensamente deixar Araguayana. Não quiz se oppôr ás ordens de Deus, mas pronunciou o *fiat* com a alma em pranto! Prognosticava talvez alguma coisa? Secundou, não obstante, generosamente o desejo do Superior e retomou bem depressa o seu habitual bom humor. Que saraivada de discursos naquelles ultimos dias! Quantos adeuses! A todos dizia em tom tragico-comico: — “E’ chegado o momento de me ir embora!... Vou expiar os meus peccados!... Quem me ama me siga...” Naturalmente, ninguem o seguiu, mas o facto é que todos o amavam devéras e sentiram a sua saída”.

Em Sta. Teresinha, emquanto os padres se occupavam dos trabalhos agricolas, elle cuidava da cozinha, dos concertos e da lavagem da roupa. Algumas vezes os acompanhava, como já vimos, nas excursões, mas não podia viajar muito, porque antes de tudo não era um *globe-trotter* depois por causa de certos incommodos que lhe produziam chagas dolorosas nas pernas. Mas quem fazia caso disso? Os Missionarios, affrontando todas as fadigas, não dão troco aos pequenos incommodos. As injecções, os cordeaes, as beberagens e as outras mixordias com que pretendem equilibrar-se os elegantes desmiolados, são coisas desconhecidas pelos athletas de Christo, que não vêem e não têm outra mira sinão a realização do seu grande sonho: o

amor de Deus e das almas, através da santidade e do martyrio.

Os insectos e o calor deterioraram as chagas. Quando o pobrezinho se precatou, não podia mais caminhar. Deitou-se e continuou a fazer o que podia: limpar o arroz, remendar a roupa, rezar e... fazer discursos. O Pe. Sacilotti asseverou que nunca viu o querido Irmão tão fervoroso, mortificado e alegre, como naquelles ultimos mezes.

Era a Graça que operava; era a recompensa do sacrificio aceito com tanta generosidade, e renovado todos os dias na Santa Communhão.

Peorou, não obstante se fizesse tudo para obviar a infecção. E' verdade: faltaram os remedios da arte. O missionario dispõe de muito pouca coisa e tudo o que sabe de medicina e de cirurgia deve-o á experiencia pessoal e a um pouco de sciencia incipiente e empirica.

O pobre homem devia soffrer horrores! A carne, fervilhando de vermes, desprendia um mau cheiro nauseabundo. Então, para causar menor incommodo, quiz que o collocassemos no canto mais afastado do rancho, mas o Pe. Sacilotti decidiu levá-o até Cocalinho, a cavallo, e de lá, pelo rio, a Araguayana.

No dia 19 de Abril de 1934, acompanhado por elle e por dois camaradas, Pellegrino abandonou para sempre Sta. Teresinha. Os frequentes des-

maios não lhe permittiram andar a cavallo. Que fazer então? Deitaram-no numa rede e os dois camaradas o levaram. O cavallo carregou as bagagens.

No segundo dia, a chuva — as chuvas torrencias das zonas torridas — os surpreendeu, e os acompanhou por horas e horas. O terreno era um lodaçal e, pela tarde, o Pe. Sacilotti foi accommettido pela febre palustre. Frio, vomitos, hemicrania, diarrhéa! . . . Não se podia parar. Arrastaram-se ainda por um dia, ora sob um sol senegalesco, ou sob bategas diluvianas. . . Morrerão os dois nalguma charneca perdida? Não: começára a paixão, mas o cimo do Calvario estava ainda longe!

Chegaram, finalmente, ao Araguaya; subiram numa canoa e, remando contra a correnteza, sempre debaixo de chuva e do sol inclemente, sem terem roupas para trocar, rumaram para Araguayana, a sua antiga Casa.

Chegaram a 14 de Maio, depois de 16 dias de torturas e tormentos.

A Revma. Irmã Gioga escreve:

“O Pe. Sacilotti estava esqueletico e diaphano. Magro, com a barba comprida e inculta, os olhos vitreos e cavernosos, tremia dos pés á cabeça, batia os dentes e não conhecia quasi ninguem. . . Pellegrino, com as carnes desbeijadas pelas horriveis feridas purulentas, tinha ainda forças para brin-

car. Dizia que o Rio das Mortes, tendo-o visto tão hediondo, o havia reenviado cheio de terror!...”

Onde está o segredo de uma alegria que acompanha a criatura e superabunda até sobre o altar do Sacrifício?...

E' que o Missionario, com a immolação de si por Deus e pelas almas, transfigurado, não sente sinão uma sêde: a sêde da perfeição e do Infinito! Então é que Jesus se aproxima e se offerece a si mesmo até aos sêres de humilde e mesquinha apparencia!

Pellegrino tinha bebido nessa fonte e era feliz.

Continua a Revma. Irmã Gioga: “... Tive oportunidade de tratar delle nos dezeseite dias que sobreviveu, em Araguayana. Todo o corpo se tinha tornado uma só chaga, onde fervilhavam centenas de vermes, que se multiplicavam sempre! Pode-se dizer que o comeram vivo! Pois bem, não era tanto a angustia daquellas mordeduras que o faziam soffrer, quanto a humilhação que sentia, tendo que impôr, aos que delle se avizinham, aquelle fétido nauseante!...”

Passava os dias rezando, gracejando, offerecendo a cada instante a Deus o sacrificio da sua vida pelos Superiores e pelos Chavantes. Quando o avisaram de seu fim imminente (não era mais que um esqueleto) soltou espontaneamente um grande suspiro, e, elevando os olhos e os braços ao céu, exclamou: — Finalmente!... O mesmo Pe. Sacilotti lhe administrou o santo Viatico. Quem teria dito

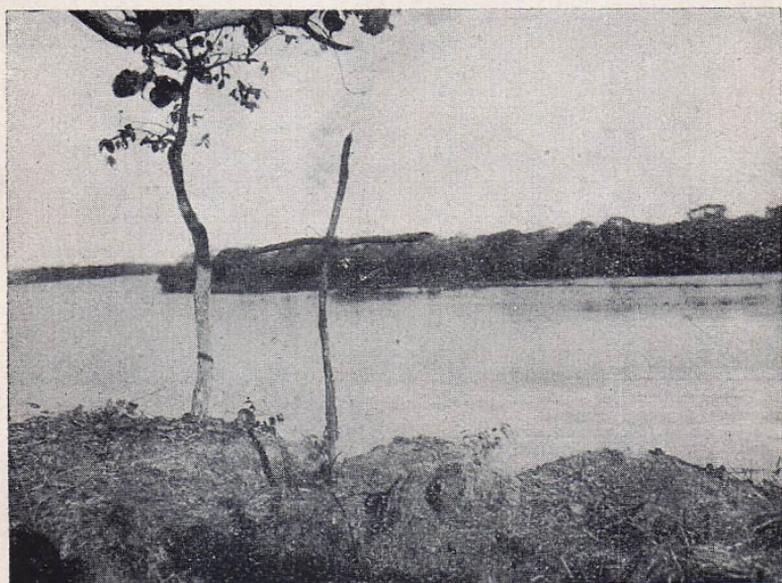
que seis mezes mais tarde elle e o Pe. Fuchs tê-lo-iam seguido até ao céu!...

No dia 20 de Maio de 1934, quinto dia da novena de Maria Santissima Auxiliadora, José Pellegrino, livre finalmente de seu corpo disforme e sordido, voava ao céu, onde certamente o recebeu o Mestre dos mestres, com as palavras: "Servo bom e fiel, entra no gozo de teu Senhor". Lá era então, uma flôr de celestial fragrancia!

O Pe. Sacilotti superou a crise, mas teve que permanecer por mais dois mezes em Araguayana, antes de poder voltar ao seu lugar de combate.



Lugar onde foram encontrados os corpos dos dois Padres;



As duas primeiras sepulturas, á beira do barranco.



Cruzeiro provisório deixado no lugar onde foram sepultados os Padres, logo após o morticínio

VIII

OS CAMINHOS DO SENHOR

A hora das trevas

Durante a ausencia do Pe. Sacilotti e de Pellegrino, o Pe. Fuchs ficou no Matto Verde com o bo-rôro Luiz e o jovem Seraphim. No dia 31 de Maio, festa do Corpo de Deus, lemos nos apontamentos: “— Nunca passei este dia com tanta tristeza! praza a Deus que eu possa celebrar esta festa no proximo anno de 1935, no meio dos Chavantes, convertidos”.

Tu a celebrarás, querido Pe. Fuchs, no meio dos anjos, perto de D. Bosco, entre os santos e bema-venturados do céu!

Em Junho, uma aranha venenosa, entrando-lhe no sapato, o picou num pé. Vertigens e vomitos! No mez de Julho, é accommettido de paludismo. O caderno de apontamentos está cheio de gemidos e consternação...

...“Doente como estou, não posso celebrar”.—“Não posso fazer nada; sinto-me só, abandonado... Seja feita a vontade de Deus! Elle sabe tirar o bem de todos estes males”. — “Fiquei todo o dia deitado! Sinto o espirito desolado... Offereço tudo ao

Coração de Jesus”. — “Quanto custa o inicio desta Missão! Pellegrino morreu; nós dois estamos enfraquecidos e exhaustos; mas o bem deve germinar e será duradouro, porque soffremos tanto”.

Assim é: No apostolado, a condição do exito são os sacrificios, as humilhações, a morte. “Si o grão-zinho não cair na terra, diz o Evangelho, ficará só; mas, si for enterrado, dará muito fruto”. E’ preciso morrer para dar a vida. Por tres annos, Jesus percorreu a Palestina, evangelizando. — Por tres horas apenas ficou prégado na Cruz... Pois bem, foi essencialmente a sua paixão e morte que obtiveram e obterão a conversão do mundo.

Continua o Pe. Fuchs: — “Parece que as missões tenham nascido mais para o céu de que para a terra!” — “Nada de novo. Luiz, desanimado, fala em abandonar-me...” — “Partir? E’ impossivel, porque a minha fraqueza é extrema... *Deus meus, Deus meus ut quid dereliquisti me?*”

E’ o mesmo grito de angustia emittido por Jesus quando, carregado por todos os nossos peccados, expirou por nós e se abandonou aos rigores da Justiça Divina. Foi então que, erguendo seus olhos desolados para o céu viu-o pela primeira vez fechado, plumbeo, negro como as abobadas de um tumulo.

Como os designios de Nosso Senhor são differentes dos designios humanos! O mundo dá a alegria ás pessoas amadas e procura, no dominio do possivel, poupar-lhes a dôr. Deus, ao contrario, diz aos seus eleitos: — “Sêde perfeitos como é perfeito o meu Pae que está nos céus”. — E, como meio para

chegar a essa perfeição — unica expressão do amor para com Elle — submete-os a sacrificios, provações e dôres...: — “Assim como me odiaram, odiarão a vós tambem; como me perseguiram a mim, perseguirão a vós tambem... Sereis votados á morte pelo meu Nome...” Quando os Apostolos lhe perguntaram qual será delles o primeiro no reino dos céus, Elle respondeu: — “Sois vós capazes de beber antes o meu calice?” — E’ o calice que lhe preparou seu Pae; aquelle calice com travos de amargura que Elle beberá a largos haustos e que apresentará aos discipulos, aos amigos do peito, á sua propria Mãe!

E’ o heroismo, em ultima palavra, que Jesus pede aos seus eleitos. Que maior prova de estima lhes póde dar? Elle bem sabe de que barro somos plasmados e sabe tambem de que virtudes a sua graça nos torna capazes. Ninguem mais do elle conheceu a miseria e a grandeza da natureza humana. A sua doutrina e os seus exemplos devassaram o caminho luminoso, pelo qual se atiram após Elle os heróes da santidade.

Os PP. Fuchs e Sacilotti e Pellegrino são dessa tempera.

No limiar

Voltou o Pe. Sacilotti, levando consigo cartas, remedios, homens e viveres. Adquirindo forças, renasce a esperança!

Alguns Carajás, voltando de uma longa viagem sobre o Rio, referiram ter visto, bem ao longe, grande numero de jangadas, ancoradas na areia.

Os nossos decidiram embarcar todos na lancha "Maria Auxiliadora" para uma longa exploração, subindo o Rio.

Será a ultima!...

E' o proprio Pe. Fuchs, que nos narra tudo isso, em uma carta truncada pela morte...

"... — 24 de Outubro de 1934. — Chegamos á desembocadura do Rio das Mortes, no Araguaya, paramos, devendo eu esperar a canoa *Nova Patria*, que devia trazer-me uma peça sobresalente do nosso motor. O Pe. Sacillotti, com quatro homens, subiu ainda a correnteza em uma *ubá* para localizar o ponto onde os Carajás tinham visto as jangadas dos Chavantes. Viu que a Cruz erguida, ultimamente, não tinha mais o braço transversal, mas o rancho e as bugigangas lá deixadas continuavam intactos. Internando-se, ultrapassou uma aldeia queimada e se achou á beira de um pantanal. Voltou ao ponto de partida, e, juntamente, partimos para o "barranco de S. José". Paramos. Eu, ainda mal sarado, fiquei guardando a lancha, com um Carajá e o Seraphim, enquanto que o Pe. Pedro, com os seus quatro homens, foi á procura dos Chavantes.

Descobriram, felizmente a pista, encontrando o acampamento e resto de fogo extincto. Percorrendo umas dez leguas, encontraram uma aldeia de 147 casas. Mas os Chavantes tinham-se afastado. Pelo numero de choças e pelo seu tamanho o Pe. Sacilotti concluiu que os indios deviam chegar a um milheiro. Voltaram cansadissimos, no quinto dia, depois de terem feito a pé perto de vinte le-

guas. O lugar era aprazível, com ribeiros e colinas, em direcção ao poente, do lado do Rio Xingú. A terra, percebia-se, era fertilissima. Não era para estranhar não se ter encontrado alma viva. Em tempo de secca, os Indios viajam continuamente. A 15 leguas mais acima encontraram, de facto 54 jangadas, ancoradas na margem direita. Todos os Indios tinham atravessado o rio. . . .”

Estas poucas linhas, que foram as ultimas, dão-nos a visão confortavel de uma realidade innegavel: os Chavantes, que, para muitos, — os timidos e prudentes segundo a carne, eram sómente o parto de uma phantasia exaltada; dão-nos tambem a sensação exacta de uma meta conseguida: uma tribu de autochtones que, acobertando-se nos mysterios das suas florestas, tinham sabido isolar-se até então, subtrahindo-se á acção civilizadora da religião.

Gloria a vós outros, Sacilotti e Fuchs: Vanguardeiros de D. Bosco! expoentes da civilização! Apostolos de Christo!

IX

A GLORIA

In sancta professione

Passamos agora a descrever a pagina gloriosa, escripta no dia 1.º de Novembro e que figurará em caracteres de ouro na historia da Igreja e nos annaes da Congregação Salesiana.

31 de Outubro de 1934.

Vigilia de Todos os Santos. Vigilia d'armas para o supremo combate! Terça-feira. Tendo partido uma semana antes de Sta. Teresinha para a ultima viagem, os dois apostolos leram no Breviario do dia a oração liturgica do rito: "*Oremus.—Domine, Deus noster, multiplica super nos gratiam tuam, et quorum praevenimus gloriosa solemnia, tribue subsequi in sancta professione laetitiam. Amen*".

Deus tinha, de facto, multiplicado as suas graças sobre os dois eleitos. E como houvessem percorrido o Calvario dolorosissimo, tinham chegado ao cume. Sorria-lhes, emfim, a alegria sempiterna! "*In sancta professione*" . . .

Na embarcação estavam sete pessoas: os dois Padres, o borôro Luiz Kapuceva, motorista, Mili-

tão Soares, de Cocalinho, Nestor Coelho, de Carolina (Maranhão), o garimpeiro holandez João Schiller e o jovem Seraphim Marques, de Araguayana.

Era o dia 1.º de Novembro de 1934.

Deslizavam sobre o interminavel Rio das Mortes, seguindo a correnteza e bordejando. De repente, o Seraphim avista em primeiro lugar dois indios parados na margem, numa curva do rio. Eram tres horas da tarde. O Pe. Sacilotti e o borôro saltaram na ubá, canoa que vinha a reboque, e dirigiram-se para a margem, emquanto a lancha “Maria Auxiliadora”, com o motor apagado, os seguia lentamente, impellida pelos remos. Os indios tinham desaparecido, escalando o barranco que cahia quasi a pique sobre as aguas. Sobre a areia humida tinham ficado as pégadas de pés descalços. Desta vez não havia mais duvida: eram os Chavantes, descobertos finalmente depois de tantas infrutiferas caminhadas; eram esses que o mundo despreza e a civilização metralha; eram elles, nus, barbaros e selvagens, mas mesmo assim criaturas de Deus!

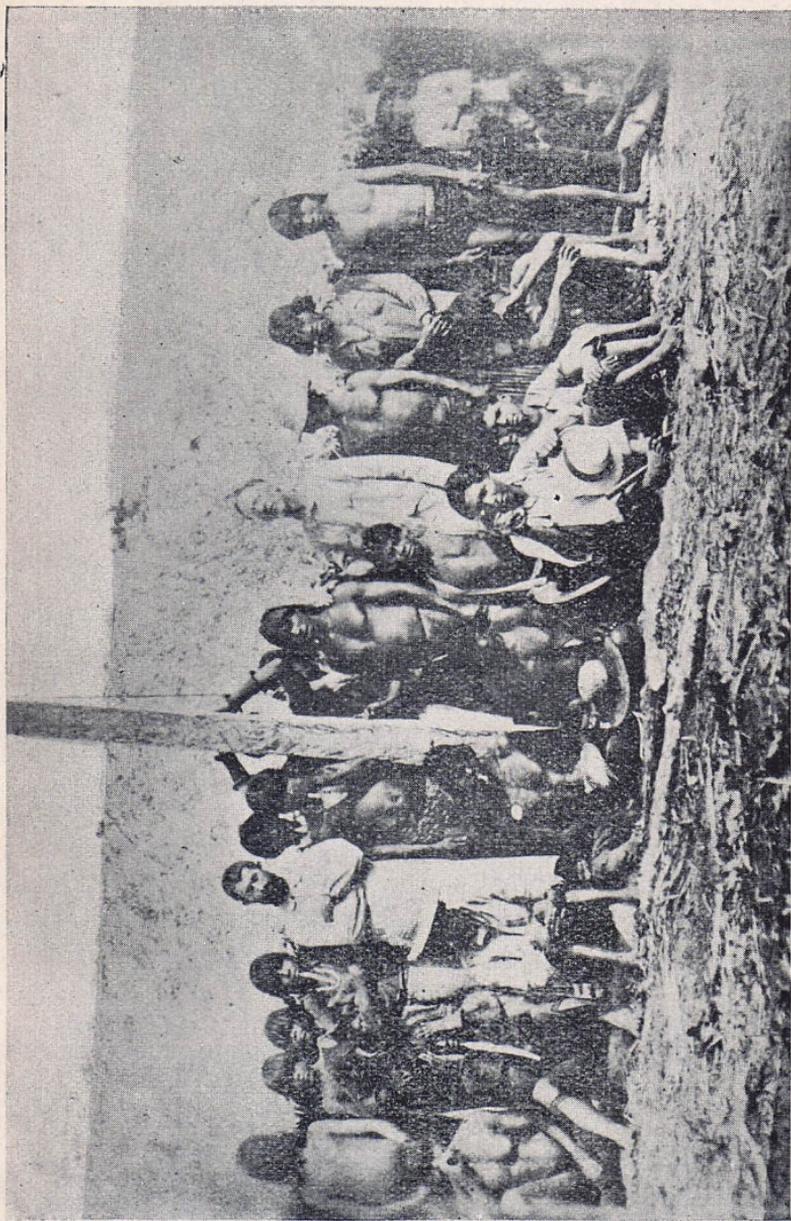
Nas horas que precedem a morte, effectua-se no individuo uma especie de transfiguração. Destacada do corpo, exaltada pelo soffrimento, traspassada pelos calafrios da eternidade que se avizinha, a alma toma uma feição nova. E’ como um véu que se fende, deixando entrever no fundo lampejos inusitados de bondade, de piedade, de fé.

Ninguem pôde recolher e retratar os ultimos instantes dos dois heróes sacrificados. Talvez nunca appareceram tão grandes e tão bellos, como na-

quella hora suprema. As palavras não ouvidas, os sentimentos não manifestados, foram certamente o echo fiel das ternissimas expressões dirigidas por Jesus, na ultima ceia, aos Apostolos consternados: “Realiza-se aquillo que devia acontecer. E’ preciso que Eu morra para dar a vida. O demonio insidia o rebanho, mas Eu me atiro sem armas entre elle e o rebanho... o inimigo dilacerar-me-á, mas a minha morte dá a vida. O meu Sangue será a salvação de muitos...”

A margem fôfa e escorregadia era ingreme e rapidissima. Ajudando-se com as mãos e com os pés, o Pe. Sacilotti e o Borôro galgaram a rampa. Ninguem! Treparam numa arvore e descobriram, a cem metros, na orla da floresta, mal occultos pela folhagem, quarenta ou cincoenta Indios nus, com alguns meninos. O Pe. Sacilotti chamou os companheiros. Militão e Nestor se aproximam. O Pe. Sacilotti gritou em inglez a John, que não entendia portuguez:—Venha ver! John adiantou-se e Fuchs o acompanhou com o rosario na mão. Estava fraco, vacillante; não caminhava mas se arrastava. John o ajudou a subir. O Pe. Fuchs perguntou onde estavam os selvagens. Indicaram-lhe a direcção. Feito isso, precederam o Pe. Sacilotti, Luiz e o Pe. Fuchs; o Pe. Sacilotti, quando viu os Indios, falou-lhes em lingua Carajá. Elles responderam com gestos ameaçadores. O Pe. Sacilotti voltou-se para trás e ordenou aos camaradas que trouxessem objectos para presentear-los.

Foi um pretexto? Compreendeu elle o perigo que o esperava? E’ provavel; e quiz certamente



No Matto-Verde — Indios Carajás



Colonia Meruri — As Irmãs de Maria Auxiliadora, ensinando as meninas

poupar a vida dos companheiros. Alguns dias antes tinha feito esta declaração: “De um momento para outro poderei encontrar-me frente a frente com os Indios. O primeiro encontro será difficil. O Pe. Fuchs e eu estamos prontos para morrer. Si tiverdes coragem, ficae, si não, fugi. Prohibo, porém, fazer uso de armas”.

No jardim das oliveiras, na noite da captura, ás turbas ameaçadoras que estavam para prendê-lo Jesus tambem disse: “Si é a mim que procuraes, deixae aquelles (os Apostolos) que se vão”. — Elle, sómente Elle devia morrer.

Militão, Nestor e Luiz voltaram para a embarcação.

John, que não tinha entendido, continuou a avançar. Pouco depois echoou um grito do Pe. Sacilotti: “Os Chavantes atacam!” Os camaradas, que voltavam com os presentes, tomados de terror, fugiram para o lado do rio, entre os gritos dos selvagens e o rodopiar sinistro dos cacetes.

Consummatum est

Chegando á canoa, os homens se armaram. O holandez empunhou a sua “Winchester” automatica, encheu os bolsos de balas e subiu de novo apressadamente o barranco e de cima d'elle chamou com toda a força dos seus pulmões: Pe. Sacilotti, Pe. Fuchs. O echo respondeu, mas elles não!... Cesou todo o rumor! Não se via mais ninguem: só lhe pareceu notar, adiante, ao longe, movimentos suspeitos, na espessura do arvoredo. Enfrentando

sempre o inimigo, e recuando lentamente com a arma erguida em posição, chegou ao porto. Os outros, enfiados de medo, ancoraram a lancha no meio do rio. Vieram buscá-lo com a ubá, mas elle ficou ainda em terra por mais de uma hora, chamando, de quando em quando, desoladamente: Padre Sacilotti, Padre Fuchs!...

Ao cair da noite, duas sombras lhe passaram por perto. Ergueu a arma para atirar, mas, pensando na recommendação do Pe. Sacilotti, não disparou. Chamou os companheiros para avançarem juntamente, mas elles se recusaram, allegando a escuridão. Passaram a noite ancorados no meio do rio. No dia seguinte, graças á sua insistencia e á de Luiz, armados, exploraram, juntamente, o terreno.

A uns quinhentos metros da ribanceira encontraram os cadaveres dos heróes, a pequeno intervallo um do outro. O Pe. Sacilotti, mais adiante, estendido de costas, com o ante-braço partido, os dentes quebrados e os temporaes afundados; o Pe. Fuchs, de borco, sem feridas apparentes, mas com o craneo fracturado. Nenhum *cacete* foi encontrado no terreno.

Levaram os corpos para a margem do rio e os vestiram: O Pe. Sacilotti com calças e camisa, e o Pe. Fuchs com o seu sobretudo, que ficára na lancha. Envolveram-nos ainda num cobertor, collocaram-nos em duas covas, da profundidade de uns trinta centímetros, abertas no barranco, a meio metro um do outro.

Entre os dois plantaram uma grande Cruz; em baixo o Rio das Mortes, o rio que tanto tinham acariciado! O Pe. Sacilotti á esquerda e o Pe. Fuchs á direita; os pés voltados para o oriente; a cabeça para a banda do rio, como si quizessem ouvir ainda o murmurio lamentoso de suas aguas.

Acabada a cerimonia, o Borôro se ajoelhou, sendo imitado por todos os outros, e rezou uma *Ave Maria* para o repouso eterno dos dois Sacerdotes, immolados pela redempção dos Indios seus irmãos.

X

A VÓS, JOVENS!

Nas florestas virgens e nas margens do Rio das Mortes, as terras empapadas e fecundadas pelos suores e pelo sangue esperam outros semeadores.

Os Chavantes, os Carajás, os Javahés e os Suyas permanecem ainda em grande parte debaixo do dominio de Satanaz.

Nas florestas do S. Lourenço e do Rio Vermelho, os indios Borôros, já christãos, esperam que se continue a ministrar-lhes a palavra evangelica e o Pão da Vida.

Trinta mil garimpeiros pesquisam, com os olhares ansiosos e as mãos avidas, curvados na terra, as riquezas do solo! Existe lá apenas um padre para indicar-lhes o caminho e os thesouros do céu!

A nossa Missão é vasta como a Italia, a Holanda, a Belgica e a Suissa reunidas!

A vós, ó jovens, estendemos os braços!

A vós, dominados por um grande sonho de apostolado e de fé; a vós que tendes o coração a palpitar por amor de Deus e das almas: um coração que guardastes no escriptorio da pureza, sem os contactos mephiticos do mundo corruptor!

Rufam os tambores e resoa a alvorada!

A reunir!

A gloria sorri para todas as audacias!

O explorador plantará a Cruz ás margens dos grandes rios e no coração das florestas virgens;

O engenheiro construirá a cidade de Deus;

O medico immunizará as almas do microbio da ignorancia e da corrupção;

O agricultor abrirá o seu sulco e descansará o arado ao lado das igrejas das cidades novas...

Todos aquelles, em cujas almas se irmanarem os grandes ideaes e pulsa em suas veias o ardor das conquistas, conquistas de almas, venham a nós e nos sigam...

Vós, alumnos das casas Missionarias de Turim, Ivrea, Bognolo, Penango, Cumiona, Gaeta, Astudillo...

Vós, ó alumnos dos centenares de Collegios Salesianos, abertos em todo o mundo e em mais de cinquenta Casas Salesianas desta vastissima e predeterminada Terra de Santa Cruz;

Vós, da União Missionaria do Clero;

Vós, da Acção catholica;

Vós, das gentis Congregações Marianas do Brasil...

Accorrei!

O campo é immenso, as difficuldades inauditas; mas eu vos asseguro que o Christo reinará nas margens ensanguentadas do Rio das Mortes. Tres tumulos se abriram, mas tres vivos lá ficaram. Sombras luminosas que adejam, abençoando!

Luzes de aurora que esperam o raiar de uma esplendida madrugada, de um meio-dia rutilante!

Para elles o triste Rio das Mortes se transformará, um dia, num Rio de Vida!

E vós, que, ou por causa da idade, do sexo, da saude... ficades na patria, embora fervam em vosso peito os ardores missionarios, sereis missionarios da mesma forma, secundando-nos com os vossos sacrificios, orações e esmolos.

Transformae-vos em almas-hostias; sejam os vossos corações outros tantos calices cheios de Jesus, até transbordarem.

Sereis assim, tambem vós, embora de longe,
MISSIONARIOS — APOSTOLOS — MARTYRES!

SEGUNDA PARTE

NA ESTEIRA DOS HEROES QUE TOMBARAM

Arriscadas pesquisas feitas pelo Pe. Colbacchini, no
Rio das Mortes

Revmo. Sr. Pe. Ricaldone,
Digno Superior Geral dos Salesianos.
Cuyabá, Novembro de 1935.

Faz hoje um anno que, nas desconhecidas e emaranhadas florestas do Rio das Mortes, echoou, como rugido bravio, o grito de guerra dos selvagens... Duas victimas caíram... Os anjos do Senhor recolheram-lhes os ultimos anhelitos e introduziram no céu duas almas gloriosas.

E'-me agradavel dirigir o meu pensamento a V. Revma., amado e venerando pae, e enviar-lhe minhas noticias e a relação da viagem que emprehendi no triste *rio* que, por antonomasia, se chama *das mortes*.

A benevolencia dos Superiores me confiou a delicada incumbencia de recalcar as pégadas dos nossos dois heroicos Irmãos, que, primeiros, tenta-

ram penetrar na intricada e desconhecida floresta, sulcar as aguas do Rio das Mortes, para evangelizar os selvagens daquella immensa região.

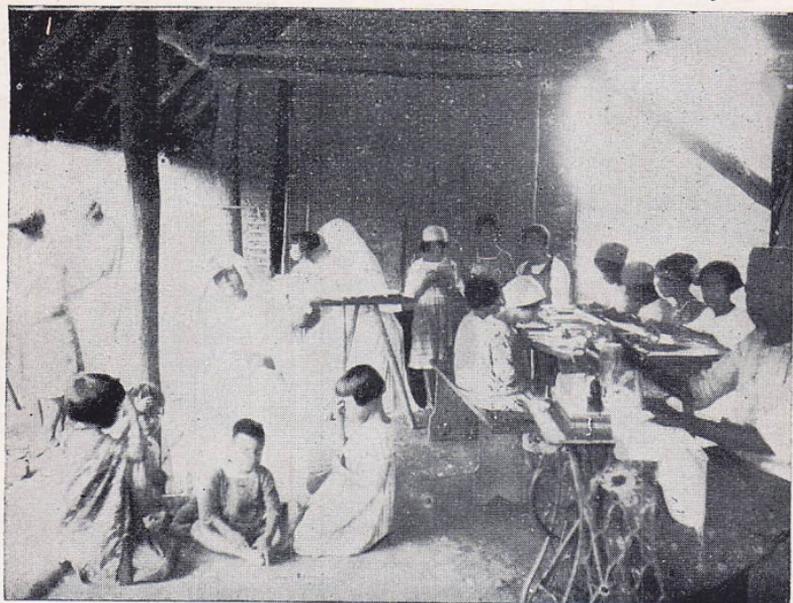
A tarefa que foi indicada era fazer um exacto retrospecto dos trabalhos desenvolvidos pelos dois Missionarios, passar pelos mesmos lugares, observar as attitudes passadas e presentes dos selvagens, estudar os seus movimentos e a possibilidade de se desenvolver uma intensa acção a favor delles, apesar de se nos afigurar ser esse um trabalho arduo, difficil e perigoso. Confiado, porém, na Divina Providencia, no maternal auxilio de Maria Santissima e na protecção do nosso Santo Pae D. Bosco, sem receio, e com o enthusiasmo de um jovem missionario, que se abalança ás primeiras conquistas, puz-me em viagem.

Por companheiros me deram os dois bons Irmãos coadjuutores Carlos Miotti e Paulo Petronzelli, que se dispuzeram com coragem e com espirito de sacrificio para o bom exito da missão que nos fôra confiada.

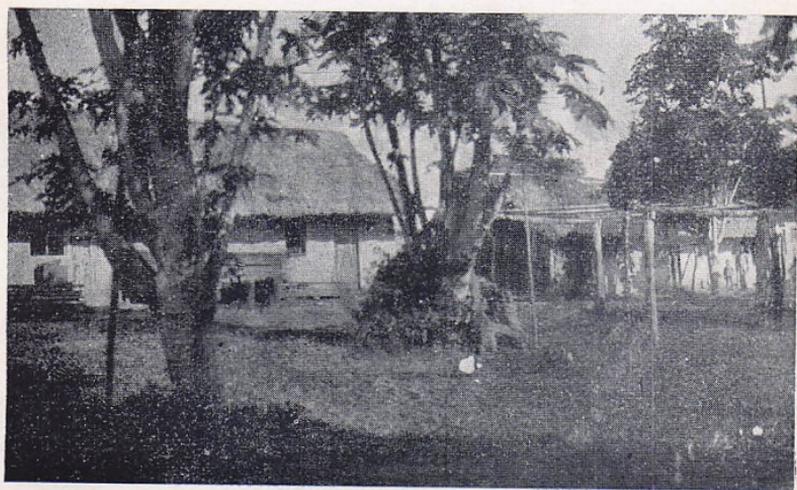
O Araguaya

Depois de tudo bem apercebido, partimos *in nomine Domini*.

Não me detenho, venerando Superior, em descrever-lhe as peripecias da longa viagem desde as Colonias dos *Borôros* a Registro de Araguaya (hoje, Araguayana), e depois pelas aguas deste rio até á confluencia do Rio das Mortes e mais além, cerca de mil kilometros de percurso, por me parecer isso ocioso.



Colonia Meruri — Aula de trabalho



Colonia Meruri



Mons. Couturon e os veteranos das Missões,
PP. Albisetti e Poli



Os Missionarios no pouso

Navegar pelo Araguaya é o que se pode chamar de bello e suggestivo e, ao mesmo tempo, impressionante. O scenario que se desenrola debaixo de nossos olhos nos faz pensar na magnificencia e majestade da natureza, no seu casto e virginal esplendor. O Rio Araguaya, talvez mais do que qualquer outro rio, se reveste dessa maravilhosa belleza.

O seu curso, de cerca de tres mil kilometros, atravessando de sul a norte a parte central do Brasil, o colloca em uma posição geographica privilegiada.

Os selvagens Carajás, que o habitam "*ab immemorabili*", o appellidam: "Berocam", que quer dizer: grande Rio. Mas a etymologia talvez mais exacta se encontra na lingua Tupy: "Ara" — "uraya"; Ara significa — arara — e "Uraya" — rio, isto é: rio das araras.

De facto, os gritos desses passaros, de pennas variegadas e de longa cauda, que voam e revoam, sempre juntos, de um lado a outro do rio, justificam até hoje a origem de seu nome.

A largura de seu leito medeia entre oitocentos e mil metros. Suas aguas correm mansas entre largas praias de areia alva e finissima, além das quaes se delinea a verde e enredada zona da caçoeira e matta virgem.

Navegando, o espirito erra por dias e dias pela immensa solidão e a imaginação corre sem freio pelas infinitas regiões inexploradas e mysteriosas, que se desvendam adiante... Desejaria rasgar o escuro véu que, impenetravel e inexoravel, se estende sobre esse reino incommensuravel de feras e selvagens! A respeito deste majestoso rio, de gran-

diosos e magníficos lagos e lagoas, dos seus afluentes e particularmente de seu maior tributario, o Rio das Mortes, muita e muita coisa não se conhece, ficando tudo debaixo da espessa bruma do desconhecido.

Na nossa longa excursão, accentuada de dia em dia por uma penosa viagem, tivemos oportunidade e a consolação de levar algum conforto aos poucos habintantes civilizados daquellas vastissimas zonas.

Borôro ou Bororó ?

(Digressão)

Falava-se, em uma certa occasião, numa roda de pessoas gradas, e a conversa descambou para os indios de Matto Grosso, especialmente aos amansados e civilizados pelos Salesianos — os indios *borôros*. Nesse momento, surgiu a questão, si se deviam chamar *borôros* ou *bororós* e a pessoa mais autorizada da assembléa pontificou dizendo que se devia pronunciar *bororó* e não *borôro*, apesar de os missionarios salesianos terem introduzido agora a pronuncia diversa, com um certo ar de singularidade e menosprezo pelas nossas tradições. O caso de *singularidade* e menosprezo não se dá. Os Salesianos das missões dizem *borôro* porque os proprios indios assim o pronunciam, quando falam de si. O unico motivo é esse.

Não obstante, não é fóra de proposito que eu diga alguma coisa a esse respeito, o que poderá servir para elucidar um ponto controverso de ethnographia indigena. Antes, porém, de entrar no ar-

gumento, seja-me permittido referir aqui um episodio que se relaciona com a vinda da celebre banda dos Borôros á Exposição do Rio de Janeiro, em 1908, tendo os indiozinhos vindos de Matto Grosso, passado antes por Assumpção (Paraguay) e por Buenos Aires, unico caminho fluvial que então existia, para se entrar na mãe-patria. A exquisita mas bem afinada banda dos Borôros tocou ao lado de enorme e bem organizada banda da Força Publica de S. Paulo, que contava 120 figuras. Inaugurava-se naquelle dia o pavilhão S. Paulo e D. Malan quiz que os seus borôros não faltassem na homenagem que se ia prestar ao grande Estado, que tantos beneficios tem prestado e ainda presta aos humildes missionarios Salesianos. Ao serem erguidas, no mastro central do edificio S. Paulo, as bandeiras brasileira e paulista, a excellente banda da Força Publica tocou o Hymno Nacional, debaixo de fragorosos applausos. Serenado o entusiasmo da multidão, fez tambem sua homenagem aos dois pavilhões a pequena banda dos *borôros* (30 figuras), rompendo o Hymno nacional. Nesse momento, a curiosidade subiu de ponto, todos quizeram ver quem era que tocava e quasi diria que se atrevêra a soltar suas notas perante a formidavel philharmonica de Piratininga, hombraendo com ella. Foi um successo! Foi um delirio! Os fartos applausos que cobriram as ultimas notas da banda da Força Publica de S. Paulo se desencadearam então mais fortes ainda aos ultimos accordes do Hymno Nacional tocado pela banda dos pequenos *borôros*! O entusiasmo dos proprios musicos da Força Pu-

blica se excedeu e, si não fôra a disciplina rigorosa imposta pelo maestro Antão, os velhos músicos do Estado *leader* ter-se-iam confraternizado com os bugrinhos de Maestro Angelo, seu professor da bella arte de Euterpe. O que não puderam fazer os músicos, fez o povo, principalmente as senhoras e moças, que tomaram por sua conta os pequenos artistas, brindando-os com suas amabilidades e atenções. Singular! Num certo momento, uma garotinha fidalga entendeu dar um viva aos *bororós*, e assim o fez com estrepito geral. Imaginem a alegria dos garotinhos! Imaginem a alegria de D. Malan! No meio de tudo isso, um indio mais alentado da banda, vivamente contrariado, chamou a pequena e lhe disse, na intimidade: não é *bororó* que se diz, mas sim *borôro*. Então a menina, vivamente entusiasmada pela confidencia do legitimo representante das selvas, repetiu sem constrangimento: viva os *borôros*! (com accento doce no *o* medial). A resposta não se fez esperar e saiu um estridente e estrondoso: Viva!... Era de ver-se então a alegria dos pequenos musicistas: Ergueram seus instrumentos ao ar e gritaram: *borôros!*... *borôros!*... Com isso queriam elles attestar a sua brasilidade legitima, sem sangues caldeados, no meio desse borborinho entontecedor da Exposição Nacional de 1908!

De facto, os *borôros* tinham e têm razão. E' *borôro* que se diz e não *bororó*. O erro veio de uma confusão ou má interpretação por parte dos civilizados, desconhecedores, como é natural, das particularidades da lingua destes indios, tanto mais

que são frequentes na bocca dos mesmos dois nomes: *Bokorôro* e *Borôro* e não soam sempre com a mesma accentuação.

Borôro não indica a tribu; esse apellido foi dado erradamente pelos civilizados. Borôro é o nome de um heróe dos tempos passados, mas é também uma palavra que significa: pateo — praça — largo. Parece, como me contaram os velhos indios, que, quando os primeiros civilizados chegaram ás aldeias e tentaram entrar nas malocas desses aborigenes, os homens, não o querendo, se collocaram á porta e, indicando o terreiro, pateo ou largo da aldeia, gritaram: *Ka boa há? Bororo... bororo...!* o que quer dizer: Que quereis? Na praça, lá na praça!... Com a repetição desta palavra *bororo*, os civilizados entenderam ou interpretaram que os indios quizessem dizer que se chamavam Bororo, e assim ficou consignado o termo de Bororo para estes indios, que realmente se chamam: *Boe* ou *Orari*. *Bokorôro* é um nome de um mytho ou melhor de outro grande chefe e heróe da tribu, como acima dissemos.

Nos cantos, os Borôros repetem amiudadas vezes esses dois nomes. Acontece, porém, que, quando cantam, eliminam o accento tonico das palavras e conservam um unico accento, ou diria o accento rythmico, que cae sobre a ultima vogal. Por exemplo: *Bakuroró*, *bororó*, *aróe* — *Ituboré* — *iporé* — *adugó* — que no uso normal e legitimo se pronunciam: *Bakurôro*, *borôro* — *arôe* — *itabôre* — *ipóre* — *adúgo*.

Os civilizados, ouvindo nos cantos repetir sempre *bororó* e *bokororó* (que são duas palavras semelhantes ou iguaes para os que não sabem) entenderam collocar o accento sobre a ultima syllaba, dizendo *bororó*. Creio ser esta a razão pela qual appareceu o espantoso *bororó*, com o accento agudo sobre o ultimo *ó* e não *borôro*, com accento doce, circumflexo, sobre o *ô* medial.

A conclusão a que eu desejava chegar é que não foram os Missionarios salesianos que, por uma forçada semantica, entenderam espalhar aos quatro ventos a pronuncia do termo *borôro*, afim de se tornarem singulares. Essa palavra pronuncia-se como a pronunciou, na Exposição do Rio de Janeiro em 1908, aquella pequena dynamica da raça aryana, vivendo pela segunda vez os indiozinhos musicos: *Viva os borôros!*... Deve-se, pois, dizer *borôro* e não *bororó*.

“Rari nantes in gurgite vasto”

Pobres almas! Causam pena! Poucos têm a fortuna de ver o Sacerdote e por isso entre elles se vae infiltrando o veneno do protestantismo. Os Missionarios Catholicos sentem profundamente que os lobos rapaces façam estragos no aprisco do Senhor. Desejariamos estar sempre ao lado destas pobres almas, para protegê-las e defendê-las, mas, infelizmente, somos poucos, “*rari nantes in gurgite vasto!*” Pouco são os que sobrenadam no vasto pégo!

Que poderemos fazer, tão poucos que somos, em territorio tão grande e com distancias tão disparatadas, sendo precisas semanas e semanas para nos transportarmos de um lugar para outro?

Visitamos alguns selvagens Carajás, espalhados em pequenos grupos pelas margens do rio. Ao chegarmos, vieram alegres ao nosso encontro e offereceram-nos um peixe, uma fruta e alguma pequena outra coisa, em signal de amizade; em seguida, não cessaram de pedir fumo, farinha de mandioca, doces, e tudo o que viam...

Pobres Carajás!... O seu numero vae dia a dia reduzindo-se. Esses infelizes, em contacto com os civilizados, apanham febres e outras doenças, que os dizimam impressionantemente. O uso do alcool é então estupefaciente!

Os organismos dos filhos das selvas não possuem immunidades ou forças sufficientes para resistirem aos microbios e infecções. A estes factores, creio, se deve attribuir a elevada mortalidade, como acontece aliás com os Borôros.

E' coisa sabida que a proporção da mortalidade entre os selvagens é tanto maior quanto maior fôr o contacto com os civilizados. Affirma-se que, há cincoenta annos, as tribus dos Carajás, na extensão de todo o Araguaya, contavam mais de dez mil almas... Hoje não chegam talvez a dois mil!...

No trafego do Rio Araguaya, que pertence á nossa Prelazia, do Registro á foz do Rio Tapirapé, em 1915, espalhados por varias aldeias, podiam-se contar uns dois mil Carajás. E em 1927, não chegavam a mil; agora, são apenas alguns centena-

res... E este numero reduzido está espalhado numa zona de mais de 900 kilometros.

Actualmente, os Carajás vão-se reunindo mais para o Norte e se concentram no seu territorio, propriamente dito, o baixo curso do Araguaya. Lá, estes pobres selvagens encontram os carinhos amorosos dos RR. PP. Dominicanos, que há muitos annos evangelizam, com admiravel zelo apostolico, o immenso territorio do baixo Araguaya e os fragmentos das tribus ahi espalhadas.

Descer o Rio Araguaya até ao lugar chamado *Matto Verde*, proximo á foz do Rio Tapirapé, era a primeira phase da nossa viagem. A mais de 900 kilometros de Araguayana, á margem esquerda do rio, se encontra o lugar chamado: *Matto Verde*. Ainda recentemente era habitado por numeroso grupo de Carajás. Os nossos dois Missionarios, o Pe. Fuchs e o Pe. Sacilotti, tinham iniciado, naquella lugar, a sua principal residencia, construindo uma pobre choupana. Pensavam ser este um ponto de apoio para a Missão do Rio das Mortes e tambem para a evangelização dos Carajás daquelles arredores.

Nosso Senhor não lhes deu a satisfação de verem a obra realizada... Barbaramente trucidados, não voltaram mais a *Matto-Verde*. Assim, não tiveram a triste desillusão de ver que, por factores diversos, e pela retirada dos Carajás em demanda das aldeias do Norte, além do Tapirapé, aquelles lugares não eram mais adaptados ao fim indicado.

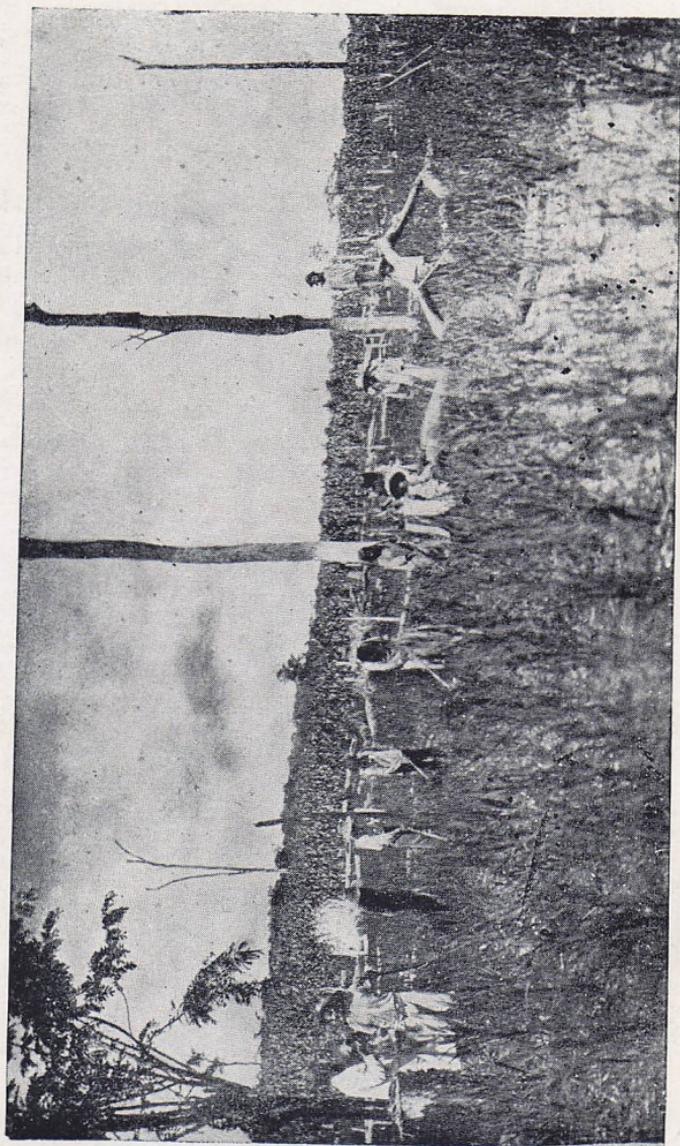
Não lhe posso descrever, amantissimo Pae, quanta tristeza me assaltou ao chegar áquella lugar e



Missa em viagem, na floresta



As Irmãs em viagem



Colonia Meruri — Os índios na roça

entrar naquella pobre e desolada cabana, onde moraram, sem conforto e expostos a todas as privações, os nossos queridos e inimitaveis Missionarios! Só isto os deveria recommendar á opinião publica e dos que inconscientemente atassalham a vida desses heróes da humanidade. Esse numero é muito grande, principalmente entre os que, numa confortavel banca de escriptor, discreateiam, ao acaso, porque nunca nada viram, sobre as coisas e casos das Missões!

Passámos ahi mais de quinze dias, afim de apetrechar o necessario para o proseguimento da viagem.

O clima torrido, acima de 40 gráus, e o incommodo continuo de innumerous mosquitos e pernilongos, fizeram-nos soffrer não pouco. Nem por isso deixavamos de ficar de bom humor, porque a vida do missionario é feita para soffrer, e nos tínhamos votado a esses soffrimentos, quando partimos da querida Patria, pela vez primeira.

Há mais de 30 annos que vagueio por estas plagas e cada vez mais me sinto preso a ellas, como si aqui nascêra e aqui abrira meus olhos pela primeira vez. E' a vocação divina que nos prende. São os laços do apostolado que nos ligam aos indios, aos embrutecidos indios, que nada têm que os recomende exteriormente, mas que têm uma alma immortal para regenerar e salvar. E o amor a essas criaturas nos prende á terra brasileira por excellencia e nos faz em vez de *estrangeiros*, brasileiros por adopção. Esse titulo é para nós desvanecedor e honroso e faremos qualquer sacrificio para

inocular nos corações e intelligencias dos nossos aborigenes, uma vez agremiados no seio da civilização, o espirito de *brasilidade*, que é como si disseramos: o amor á grande Patria — o Brasil.

O pensamento, portanto, que devíamos sulcar o Rio das Mortes, percorrendo os lugares por onde tinham andado os nossos Irmãos com tanta coragem e abnegação, ao encontro de sacrificios, sofrimentos e até da propria morte por amor de Jesus, infundia em nossò animo grande conforto e alegria.

No Rio das Mortes

No dia 1.º de Agosto de 1935, partimos de Rio Verde e dirigimos a embarcação para o Rio das Mortes. No dia seguinte, consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, por ser a primeira sexta-feira do mez, deixámos as aguas do Araguaya e entrámos no Rio das Mortes.

Ao sulcar as primeiras aguas desse rio, hoje para nós sagrado, tomado de viva commoção, lembrei os Irmãos que se sacrificaram pelos pobres filhos destas tenebrosas florestas e rezámos e chorámos por elles. Nesse instante renovámos o offerecimento a Deus das nossas fadigas e, com isso revigorados, entoámos os louvores a Deus e á Virgem Santissima, que certamente iam echoar ao longe, na amplidão das campinas virgens e no mattagal sem fim. . .

O Rio das Mortes é ainda em parte desconhecido. Foi percorrido pela primeira vez em fins de 1600 e começo de 1700 pelos intrepidos Bandeiran-

tes Paulistas, almas de ferro que se abalançavam a empresas sobrehumanas, contanto que satisfizessem a cupidez do ouro e estendessem sempre mais as conquistas da Metropole! Delles é que veio a esse rio o nome de Rio das Mortes, porque muitos foram os que deixaram ahi sua vida, em recontros com indios e as insidiosas doenças que emergem dos pantanaes, povoados de milhões e milhões de mosquitos, que inoculam a morte. Esse foi o castigo comminado aos que tentaram violar os segredos daquellas aguas e das suas seculares florestas!

O Rio das Mortes nasce no planalto Central, nas proximidades de Cuyabá. Com o nome de Rio Manso, corre e se precipita para nordeste, atirando suas aguas espumantes de pedra em pedra, de salto em salto, avizinhandose do Araguaya, seu emulo. Corre paralelo a este, em direcção do norte, e o alcança e a elle se une, depois de uma galopada de cerca de 2.000 kilometros.

E' o Rio das Mortes que leva ao Araguaya maior volume de aguas e não se sabe qual dos dois seja o maior. Formando, porém, na confluencia, um grande delta, dividido e subdividido em canaes e lagoas, tira-lhe a belleza e grandiosidade de uma foz majestosa.

...A primeira noite passada no Rio das Mortes!...

Depois de cinco ou seis horas de navegação, tendo percorrido cerca de 25 kilometros, abeirava-se a noite e procurámos lugar apropriado para o acampamento. Encontrámos uma praia de alvissima areia e ahi pernoitámos não longe do rio e da

capoeira espessa. Antes de mais nada, deve-se arranjar a lenha para o fogo, que arderá toda a noite, pois estamos em plena zona selvagem e toda a precaução é pouca.

Nas praias do Araguaya, como nas do Rio das Mortes, nos mezes da secca, de Maio a Setembro, pode-se dormir sem grande preocupação. O leito é a uniforme distensão da areia, que é ao mesmo tempo fôfo e macio colchão... O tecto é o arqueado firmamento, crivado de estrellas, e o Anjo da Guarda fiel companheiro!

Depois de um cavaqueio ameno e rezadas as orações da noite, cada qual se estende para dormir. O quadro do acampamento, naquella noite escura, a poucos passos da matta, era, na verdade, impressionante e suggestivo!... As aguas fugidias, com o reflexo da fogueira, pareciam estrias de sangue.

Ouviam-se sómente, de vez em quando, os gritos estridentes e melancolicos das aves nocturnas, emquanto que da floresta se desprendia uma aragem suave, como de quem respira compassadamente.

Tudo era calma e serenidade... Parecia que céus e terra se entrelaçavam num amplexo de paz, justamente nessas paragens onde reinam perigos continuos e a propria morte... O meu pensamento corria ao longe e na minha imaginação via os queridos semblantes dos nossos Irmãos massacrados, que, talvez, naquelle mesmo lugar e sobre a mesma areia tinham descansado os membros lassos!

A's voltas com os jacarés

Absorvido nesses pensamentos, não atinei que o fogo se ia extinguindo. A intervallos, se erguia uma pequena chamma, que se reavivava, crepitando, açulada pela brisa nocturna. Eram rapidos e improvisos clarões que animavam a escuridão nocturna, fazendo-a voltar outra vez á negridão de sempre.

Vi então dois pontos luminosos na beira do rio, como si fossem dois phosphoros accesos que se adiantavam. Observei attentamente e percebi que se aproximavam quatro, seis... Impressionado, levantei-me para collocar um pouco mais de lenha no fogo. Não tinha dado um passo, quando sobre a alvissima areia vi que escorregava um corpo comprido e negro, que vinha ao encontro de um dos nossos, que dormia!...

Compreendi de que se tratava. Peguei da espingarda, fiz a mira, e dei o tiro, que foi echoar nas quebradas dos morros vizinhos, acordando de sobresalto os companheiros. Que será? Que houve? Puzemos mais lenha ao fogo e, com o clarão avivado, pudemos ver os estragos feitos pela arma automatica. Era um enorme jacaré, que vinha com a intenção premeditada de fazer um bom repasto!...

Grande é o perigo desses terriveis amphibios. Espreitam por horas e horas a victima, avizinham-se lentamente e, conseguindo abocanhá-la, amarrotam-n'a entre as serras de suas formidaveis mandibulas e immergem com ella nas aguas do

rio, para se banquetear, devorando-a tranquilamente!

A essas horas o somno tinha desaparecido e ao redor da fogueira palestravamos e riamos sobre a occorrida aventura. Eu, porém, estava ainda alerta. Os nossos cães, inquietos, latiam e avançavam para o lado do rio e os meus olhos não se cansavam de pesquisar ao longo das aguas.

Tinha certeza de que aquelles terriveis monstros não se dariam por vencidos e voltariam ao ataque. De facto, pouco depois, os olhinhos dos saurios brilharam novamente, ao reflexo do fogaréu. São dois, quatro, seis, oito que emergem em semicirculo e se movem, avizinhandose lentamente. Em guarda, rapazes! gritei. O inimigo volta. Empunhámos as armas e puzemo-nos em attitude de defesa. Em seguida, descarregámos diversos tiros de espingarda.

O caimão attingido deu uma estremeção terrivel e desapareceu, revolvendo as aguas do rio. O ribombo dos tiros, que o echo multiplicava através da solidão, os latidos furiosos dos cães, a vermelhidão da fogueira não conseguiram intimidar completamente os vorazes alligatores, que de vez em quando voltavam á tona para nos surprehenderem.

Assim passámos a primeira noite, no Rio das Mortes, sem prégar olhos!

Ao raiar do dia, os terriveis amphibios ainda estavam lá, embora dois jazessem inertes, de bar-riga para o ar, immoveis, na areia. Attingidos pelas nossas balas, estavam mortos, mas um terceiro, embora ferido gravemente, mostrava o serrote de

dentes alvissimos, em acto de ameaça. Conseguimos ancorar os mortos e tambem o ferido, que immobilizámos, não sem grande trabalho e precaução.

Media cada um, mais ou menos, quatro metros de comprimento.

O sol já ia alto, quando retomámos a viagem.

Subindo o rio, a navegação é lenta, porque se deve vencer a correnteza, que, em alguns lugares, é fortissima. A cada volta do rio descortinavam-se novas e magnificas paizagens, que se desdobravam de maravilha em maravilha, apregoando a sabedoria de Deus Criador. Isso tudo enlevava o nosso espirito em adoração ao Senhor de todas as coisas.

Ao terminar o segundo dia, parámos para pernoitar e dormir.

Fizemos, porém, os nossos calculos erradamente. Si sempre soffremos o flagello dos mosquitos, nessa noite, então, o tormento foi um indizivel martyrio. As picadelas desses insectozinhos causam tal excitação nervosa que, mesmo que se esteja cansado e extenuado, não se consegue conciliar o somno. Só circumdando-nos de densa e acre fumaça, produzida por lenha molhada e folhas humedecidas, é que se obtem algum allivio. E a respiração, em um ambiente de acido carbonico? Não é possivel resistir, pois sobrevém a tosse com convulsões incomodativas! Nesse caso, não há outro recurso senão voltar ao ar livre, mas sempre seguidos por um enxame importuno de implacaveis pernalongos!

Estávamos felizmente na manhã do dia 4 de Agosto, Domingo.

Preparámos o pequeno altar portatil que no mesmo Rio das Mortes tinha sido usado muitas vezes pelos nossos dois martyres e sobre o qual tinham celebrado a ultima missa. Todos assistiram ao santo Sacrificio. A comitiva compunha-se de tres Salesianos, tres camaradas e um indio Carajá, meu antigo conhecido, que se offereceu para acompanhar-me. Inclui de boa mente este Indio na comitiva, sabendo, por longa experiencia, quão grande seja a sua sagacidade e sensibilidade em tudo o que se refere á vida selvagem e portanto de auxilio poderoso nas surpresas que nos preparavam essas regiões completamente desconhecidas.

Terminada a Santa Missa, seguimos viagem. Lá pelo meio-dia, descansámos á sombra de uma espessa ramaria, reclinada sobre o rio, que fazia, nesse lugar, uma encantadora enseada. Enquanto preparavam a frugal refeição, toscanejámos um bocadinho. A um certo momento, o indio Carajá ergue-se de pé, fareja o ar, olha ao redor, escruta o horizonte e o fixa immovel. Chamou-me em seguida e indicou-me com a mão um ponto longinquo e disse balbuciando: — Lá... fogo... selvagens... Chavantes!... Fumaça... Viram-nos!

Olhei para o lugar indicado. De facto, erguia-se lá, para o céu, uma ligeira nuvem, á guisa de columna. Era realmente fumaça. — E' o signal... é o signal!... Repetiu, a intervallos, o Carajá. —



Antes do banho



Vadear.do o Rio



Cacetes e flexas recolhidos na fazenda Franklin, depois do ataque dos Chavantes.



Um Tamanduá pequeno



Índios que se exercitam no tiro das flexas

Elles nos viram e fizeram uma fogueira para avisar os companheiros que há perigo.

Lembrei-me então do que os velhos Borôros me contavam. Parecia-me naquelle momento ouvir a voz cava do meu amigo, o inesquecível cacique Miguel Ukewago:

“Quando qualquer de nós percebe alguma coisa de anormal no nosso territorio, dá logo aviso aos companheiros vizinhos e afastados, accendendo uma fogueira, que levanta para o céu uma columna de fumaça, na hora em que o sol está na metade do seu curso. E’ este o signal de perigo, o aviso para que todos estejam alerta...”

Olhamo-nos um para o outro como para interrogar-nos, sem dizer palavra. O indio Carajá, depois de um instante, abanando a cabeça disse: “Elles nos viram, não há duvida... Veremos que é que pensam. Si hoje, mais tarde, ou amanhã, á mesma hora, virmos novamente a fumaça, devemos precaver-nos...”

Não havia duvida. Tinhamos entrado em territorio inimigo. Tinham presentido a nossa presença e avisando-nos alternativamente davam-nos o signal de desafio.

Então, á nossa direita, a pouca distancia, estavam os terriveis Chavantes?

Depois de uma leve refeição, retomámos a viagem. Navegámos, mas sempre com o pensamento e os olhos arregalados para o lugar onde tinhamos visto empinar-se uma espiral de fumaça.

Quem são os Chavantes?

Existe uma tribo de selvagens que, na mais absoluta independencia, occupa uma superficie de cem mil kilometros quadrados; a grande mesopotamia, comprehendida entre o Araguaya ao oriente e o Xingú ao poente. No meio, serpeia o Rio das Mortes. Nesta immensa região, quasi completamente inexplorada, vivem esses selvagens, que até hoje ninguem sabe o que realmente sejam. Qualquer contacto com elles foi até hoje impossivel e si alguem conseguiu aproximar-se não mais voltou. (1) E' o mysterio de tragedias e de sangue que paira sobre esse rio e sobre esse colossal territorio!

Navegámos sem novidade até á noitinha e acampámos, por precaução, á margem direita do rio.

Os selvagens tinham dado o alarme na margem esquerda e entre elles e nós era bom que houvesse alguma coisa!...

Como é sabido, os Chavantes não usam pirógas e a natação para elles, além de ser cansativa, é perigosa, especialmente de noite. A nossa posição, portanto, era de relativa segurança e tranquillidade. A noite passou sem incidentes.

Ao amanhecer, celebrei e continuámos a navegação. Pela volta das dez, o nosso Carajá, que estava ao leme, fixou o horizonte attentamente e gritou, indicando com o dedo estendido algo de estranho: fogo!

Na verdade, erguia-se lentamente, no azul do céu, uma lingua negra de fumaça.

(1) Aqui, naturalmente, deve-se fazer excepção do franciscano Sigismundo da Taggia, do qual se faz menção na 1ª Parte. Surgiram tambem duvidas a respeito da natureza dos indios com quem elle viveu tantos annos. Talvez não fossem verdadeiros Chavantes.

Em breve espaço de tempo dominou o descampado e tomou proporções fantasticas. As densas e negras nuvens se erguiam gigantescas, espelhando-se nas aguas mansas do Rio. Na hora da refeição, ao meio dia, o fogo estava a breve distancia de nós...

A' boquinha da noite, vimos as chammas erguerem-se do solo, crepitando sinuosamente.

Os Chavantes não tinham receio de indicar a sua presença. Eram os senhores do territorio em que pisavamos!

Que pretendiam fazer? Era evidente que os nossos movimentos vinham sendo observados e elles nos acompanhavam. Com que intenção? Não teriam talvez tentado *accommetter-nos* ou, mais provavelmente, *surprehender-nos* em uma emboscada? Tudo era possível e em tudo isso se podia pensar. Era preciso redobrar a vigilancia e a prudencia.

O nosso acampamento, naquella noite, foi numa ilha do rio. Entre as trevas mais espessas, se destacavam no horizonte as lambidelas avermelhadas do fogaréu, que destruia a floresta. Felizmente pouco e pouco foi cessando o fogo até se extinguir. De manhã, o céu estava sereno e limpido. Retomámos então a viagem, ansiosos por chegarmos ao lugar dos martyrios.

A cruz derrubada

Mais se navegava e mais augmentava a força da correnteza, tornando lenta a subida. Perto das margens, porém, a força das aguas era menor e assim

vogavamos a pequena distancia dellas, passando por baixo de troncos, de ramos seculares, que pendiam das ribanceiras, podendo delles arrancarem-se folhas e flôres.

Justamente, porque iamos beirando as margens do rio, a nossa vigilancia devia ser maior, por ser maior o perigo. Da espessa folhagem da floresta poderia a cada instante desprender-se, sibilando, alguma flecha ervada que nos ferisse. Estavamos navegando há bastante horas, quando, simultaneamente, exclamamos, indicando um ponto no areal: os selvagens passaram agora por aqui...

Vimos, do lado direito do rio, quatro troncos amarrados com fibras vegetaes, formando uma balsa, embarcação ligeira, em que os selvagens transportam para a outra margem suas pessoas e tudo o que é seu, impellindo-a a nado.

Os selvagens, pois, tinham passado do lado esquerdo para o lado direito do rio.

Desejariamos penetrar na floresta, seguindo aquelles vestigios, mas a prudencia nos aconselhou a que nos abstivessemos; poderíamos cair numa emboscada, dando lugar a outra tragedia.

Continuámos a viagem pensativos. Lá pelo meio-dia, eis que de novo surge no azul do horizonte outra columna de fumaça. O fogo tinha sido acceso ao lado esquerdo do rio, pouco adiante de nós, e logo depois outra fumarada se descortinou do lado opposto... Era a resposta!... Isso queria dizer que eramos bem observados!...

Passámos o resto do dia e mais a noite sem grande novidade. Na manhã seguinte, partimos sem

demora e, depois de algumas horas, eis que surge na nossa frente uma pequena clareira e, no meio de espessa folhagem, lobrigámos uma pequena cabana, tendo á frente um alto pau plantado.

Sabíamos que em uma das sua excursões os nossos Missionarios PP. Fuchs e Sacilotti tinham levantado, nessas immediações, uma cabana e uma cruz, por terem encontrado ahi fortes vestigios dos selvagens.

Desembarcámos.

A vegetação já tinha coberto a estreita vereda e com difficuldade chegámos á misera choça. Nada lá encontrámos. Da antiga cruz só tinha ficado o pau vertical. Faltava o transversal. Quem o tinha tirado?

Depois da tragedia, nenhum civilizado tinha passado por aquelles lugares; ninguem tinha navegado por aquellas paragens, a não ser os piedosos romeiros enviados para trazer os cadaveres dos nossos Irmãos, barbaramente trucidados, afim de se lhes dar mais decente sepultura, em Araguayana.

A cruz, tanto na ida como na volta, tinha ficado intacta. Logo, sómente os selvagens poderiam ter feito aquella profanação.

Procurámos ao redor o braço que faltava. Achámos um pedaço e, mais longe, o outro. Deixámos na palhoça alguns presentes, afim de verificar si, na volta, os acharíamos intactos.

Partimos, pensando no enigma da Cruz abatida. Um pouco mais adiante, ao lado direito do rio, notei outra clareira na matta, feita por mão humana, e no meio outro pau vertical, onde se viam os ves-

tígio da machadinha. Aproximámo-nos e desce-mos para observar melhor. Certamente, era um trabalho feito pelos nossos Missionarios. Attestavam-no os golpes de facão, de machado, que eram ainda visiveis sobre os troncos e ramos cortados. Os selvagens não poderiam ter feito isso, porque não costumam fazê-lo. O que indicava, porém aquelle lenho de pé? Não tardamos a verificar que outra Cruz, ali erguida, tinha sido mutilada e abatida. Desta vez, porém, não encontrámos os braços da mesma. Tristes e pensativos, proseguimos a viagem. Já era meio-dia passado e não vimos signal nenhum de fumaça.

Isto augmentava em nós a preocupação e a tensão de espirito. No selvagem, tudo dá motivo a suspeitas e desconfianças!...

Passando perto de um monte de capim e folhas seccas, descemos e ateámos fogo. Em poucos instantes se levantou a fumaça e se desprenderam as chammas. Embarcámos velozes e partimos.

O nosso fogo devia provocar, nos selvagens, uma resposta. Si não apparecesse, era mau signal. Devassámos o horizonte e eis que, pouco depois, á nossa direita, appareceu uma nuvemzinha de fumaça; quasi ao mesmo tempo se ergueu outra, á nossa esquerda. Este facto levantou o nosso animo e afastou os temores que nos opprimiam. Quanto mais o selvagem dá signal de presença, tanto menos se deve temer.

Vexações diabolicas

Esse dia agitado passou tambem e acampámos em uma ilhazinha, bem perto do lugar da tragedia. Sentados ou, melhor, acocorados perto do fogo, faziamos os nossos commentarios a respeito do que tinhamos visto, especialmente com relação ás Cruzes deixadas pelos nossos Missionarios e que encontramos desarvoradas e abatidas. Uns diziam uma coisa, outros diziam outra. E' sabido que entre os selvagens dois paus em cruz são signal de guerra. Quando querem indicar perigo de morte imminente, deixam aqui e acolá dois paus cruzados, como signal de interdicção.

Em tempos idos, quando, nas vizinhanças da Colonia do Sagrado Coração, algum incauto borôro cahia victima das settas dos Kayamos ou Chavantes, estes selvagens deixavam sempre sobre o cadaver de suas victimas os cacetes usados para matá-las e por mais de uma vez observei que os atiravam um sobre outro em forma de X, como uma cruz grega.

Em outra circumstancia, na qual me tinha abalançado além do Rio das Mortes em exploração, ao entrar na matta, seguindo os carreiros dos selvagens Kayamos, vi que o borôro que me acompanhava parou de repente, e, olhando para o chão, voltou sem mais, dizendo-me: — "Pára, não podemos ir mais adiante; voltemos, ahi está o signal". Eu não comprehendí o que elle queria dizer com isso e animei-o a proseguir. Mas não houve meio. A todo o custo quiz voltar. Dei a entender que iria

sózinho, e então o borôro me segurou pelo braço, me puxou para trás e gritou: — “Não vá, não avance; queres morrer? Voltemos!”...

Insistindo eu para que me dêsse uma explicação, mandou-me olhar no chão. Atirados como que por acaso, estavam dois pedaços de ramos seccos cruzados, no meio do caminho, e me disse: — “Este é o signal. Isso quer dizer que não se deve ir adiante, mas voltar para trás, caso não se queira morrer. Acredita-me; eu tambem sou filho das selvas e sei bem o que significam estes signaes. Voltemos para trás e depressa, se não quizermos que nos aconteçam coisas peores”. — Tive que obedecer.

De facto, é preciso conhecer a natureza do selvagem, para explicar certas coisas. Existem entre elles taes mysterios, que não desvendaremos já-mais. A incognita das Cruzes abatidas preocupava-me, e mais ainda o modo por que foram destruidas. Si era signal de guerra, por que não os destruiam completamente, substituindo-os com os delles?

Os dois Missionarios assassinados deixaram escripto que, em um certo lugar, tinham levantado uma Cruz, nella pendurando alguns presentes e missangas. Depois de algum tempo, passando por lá, encontraram os braços da cruz partidos e os presentes no chão. Os selvagens tinham estado lá, tinham destroncado a Cruz, arrancando os braços transversaes, mas não tocaram nos presentes. Desprezo? Odio? Guerra? Morte?...



Rio das Mortes



Rio Araguaya — Indios Carajás



Os índios Carajás vão ao encontro da lancha «Maria Auxiliadora»



A lancha «Maria Auxiliadora»

Os Missionarios não souberam dar explicação: acharam que os selvagens assim tivessem agido para se apropriarem dos pregos que prendiam os braços ao tronco. Eu, porém, não sou de seu parecer e julgo não ser assim, tanto mais que, nos lugares encontrados por mim, os prégos lá estavam todos, apesar de terem despedaçado os braços lateraes.

Tanto mais penso e ligo as coisas com os usos e costumes dos Borôros, e tanto mais penetra em meu espirito uma convicção, que é a seguinte: elles são instigados directamente pelos espiritos maus, que obrigam essas pobres criaturas, ainda em poder delles, a esses actos vandalicos.

O demonio actua directamente sobre os infelizes aborigenes e exerce sobre elles um absoluto dominio. Estou mais do que persuadido que foi por sua immediata instigação que elles destruíram systematicamente aquillo que para elles é odioso e temivel: a Cruz.

Os dois heróes a plantavam como signal sagrado de Redempção e como predomínio de Christo sobre essas regiões ainda nas trevas da morte; e o demonio reagia, dessa maneira. Deve-se notar que os indios não deitavam por terra a Cruz inteira, mas, deixando de pé a parte vertical, arrancavam sómente a parte transversal, atirando-a para longe. Era o sufficiente para que a Cruz não fosse mais Cruz e o demonio triumphasse.

Na Colonia do Sagrado Coração, no inicio da Missão entre os Borôros, quando se collocou e se benzeu, no meio do povoado, uma grande Cruz, o

Bari (feiticeiro), na noite immediata, não socegou nem deixou que ninguém socegasse. Entre gritos e contorsões disse e repetiu que o “Waire” (espírito do mal) o queria suffocar, porque tinha deixado collocar, na aldeia, um signal que os Borôros não deviam tolerar e por isso mandava dizer a todos os seus filhos Borôros que elle, *Bópe* (demonio), enquanto conservassem lá de pé, naquelle lugar, o signal do “Aroé” (espírito do bem), seu inimigo mortal, continuando a se fazerem christãos, não os ajudaria mais nas caças e pescas e lhes mandaria desgraças e doenças nunca vistas. Quaes? Elle, *Bópe*, teria entrado nos Borôros, devorando-lhes pouco a pouco as visceras, provocando dôres, tosses e “cu ià pigi” (sangue pela bocca) e, reduzidos a um esqueleto, morreriam... Era a tuberculose, que o espirito mau prognosticava, com maligna arte diabolica...

Essa doença, até então desconhecida pelos Borôros, fatalmente tinha que dizimar muitos delles, não pelo facto de se fazerem christãos, mas pelo contacto com os civilizados, contaminados por esse mal terrivel.

Taes foram as palavras do *Bari*, pronunciadas entre gritos, convulsões e espasmos indescriveis. Os Borôros ficaram aterrorizados e quizeram destruir a Cruz, para aplacar a ira do *Bópe*. De facto, se apresentaram a mim o Cacique e diversos outros, que, tremendo, me disseram ser preciso tirar da vizinhança da morada delles a Cruz, porque o *Bópe* estava horripelmente zangado com elles e os ameaçava de morte, si não obedecessem. Custou

immenso persuadi-los do contrario e as minhas palavras de nada valeriam, si a intervenção da graça de Deus não se fizesse sentir. Tanto neste caso como em outros, Maria Santissima Auxiliadora triumphou sobre Satanaz de uma forma humanamente inexplicavel. Os Borôros não só condescenderam em conservar a Cruz no meio da sua aldeia, mas com a Cruz quizeram tambem o retabulo de Maria Auxiliadora, em todas as suas casas. Foi uma victoria, portanto, de Maria Santissima, pois de outra forma aquelles pobres selvagens teriam arrancado e atirado ao fogo o sacratissimo signal da nossa Redempção, por ordem do demonio. Em outra occasião, o mesmo demonio, numa espantosa obsessão de um pobre "Bari", com as mais terribes ameaças, ordenou-lhe que arrancasse do peçoço e atirasse para longe um pequeno Crucifixo que tinham dado á infeliz criatura, para se defender das vexações diabolicas.

Assustado, assisti a essa luta. O Borôro se debatia como um endemoninhado; gritava, uivava e era acommettido de espasmos. Fazia uma força herculea como para livrar-se de garras mysteriosas que o suffocavam. Dizia que o Bópe, com mãos de fogo, apertava-lhe a garganta, para obrigá-lo a tirar fóra o Crucifixo, doutra forma morreria estrangulado. O pobre Bari, que espumava pela bocca baba e sangue, soltava as mais horriveis blasphemias contra nosso Senhor, a Cruz e a nossa santa Religião, sem, porém, jámais pronunciar o nome adoravel de Jesus.

E sómente quando o pobrezinho, com um rugido de um touro ferido, atirou fóra o Crucifixo, arrancando-o furibundamente do pescoço; e como si fóra aggreddido por fortes bordoadas, contorcendo-se e escabujando no solo e ao mesmo tempo gritando: — “*basta, basta! venceste! atirei-o fóra! não está mais commigo! deixa-me em paz!...*”, é que o espirito das trevas o abandonou...

O bari Felipe Puiddo

No Baptismo, esta pobre e infeliz criatura tinha recebido o nome de Felipe, sendo Puiddo o seu nome indigena. Quando mocinho, esteve comnosco, foi educado e bem instruído nas verdades e preceitos da Nossa Santa Religião, como todos os outros seus companheiros.

Mostrou-se, porém, sempre irrequieto, insubordinado, altivo, arrogante, de character indomavel, da sua natureza selvagem. Fanatico pelo canto, festas e cerimonias tradicionaes da sua tribu, queria ser mais do que tudo e sobretudo — Borôro.

Frequentava o elemento civilizado, que começava a infiltrar-se naquella zona, attrahido pela cubiça dos diamantes e pela sêde de riquezas. Gente de toda a casta vinha juntar-se ás margens dos rios de mineração, trazendo comsigo maus habitos e maus costumes, o desprezo de Deus, da religião, das leis, e da mesma dignidade humana. Felipe, nesse contacto, só aprendeu o mal e não quiz e não pôde reagir contra essa acção contaminadora. De-sejhou ser “Bari”. Pediu que um “Waire” (espirito

maligno) entrasse nelle e o fizesse seu. Foi ouvido. O demonio se apossou d'elle e foi, entre os diversos *Baris*, um dos mais activos e poderosos. Elle dizia e assegurava que tinha o demonio em si, que *Bópe* vivia nele e com elle tinha intimas relações. Na pratica commum da vida, dava mostras sobejas do que asseverava. Abandonou Deus, a Igreja e a Religião. Era em tudo e unicamente um perfeito Borôro. Quando entrava em funcção, era um verdadeiro obsesso. A acção diabolica era evidente.

Quiz então tentar a efficacia do exorcismo ritual. As orações, as intimações contra Santanaz em nome da Santissima Trindade, a agua benta, deviam ter a sua efficacia de agir.

Tencionava mostrar aos Borôros o poder de Deus sobre o demonio, desde o momento que o mesmo demonio tinha dito, por bocca de Felippe, que elle tudo podia e que sómente elle era o senhor e o pae dos Borôros, seus filhos.

Preparei-me com a oração, e quando, numa tarde, me disseram que o *Bári* estava funcionando com altos gritos, tremores e contorsões, confiando eu no poder de Deus, e invocando Maria Santissima Auxiliadora, fui para perto d'elle e puz-me a rezar as orações officiaes do rito.

O *Bari*, entretanto, proseguia nas suas macaqueações!... Era um espectáculo impressionante e terrivel!... Eu continuava a rezar e o *Bari* mostrava sentir uma insolita difficuldade em pôr-se em communicação com o Espirito pelo qual era torturado.

Os Borôros, impressionados e apprehensivos, atiravam seus olhares ansiosos ora sobre mim, ora sobre o Bári. Aquellas attitudes indicavam que elles queriam esperar de mim ou d'elle o que iria succeder... Era uma grande interrogação, uma incognita espantosa, que transparecia de seus olhos.

Tinha acabado de rezar as orações rituaes... Dirigi-me depois a Maria Santissima, e estando a rezar com todo o fervor uma *Ave Maria*, o pobre Felippe, com um urro desesperado, com a bocca cheia de baba e espumando, com uma voz que era um rugido de fera, exclamou destacando as syllabas: "*Waire... I — Waire... cie... aregado... ema* (Eis... espirito, meu espirito, finalmente vem... é elle).

Emmudeceu! O seu corpo dobrou-se como um arco, depois se ergueu novamente e da bocca saiu uma voz tremula e cavernosa, que não era mais a sua, mas a do espirito, que invocára: "*ta magodo i awogai... imireu... boe, itore... tai iwádaro...*" (Chamaste-me; sou eu mesmo... Borôros, meus filhos, para vós a minha palavra...)

Naquelle momento, levantei a mão e, fazendo o signal da Cruz, *em Nome do Padre do Filho e do Espirito Santo*, aspergi o infeliz com agua benta. Ficou como si tivesse sido attingido por um raio!... Caiu estrebuchando por terra e ficou depois como um corpo morto! Estremecendo pelo medo, os Borôros não ousavam respirar, permanecendo boquiabertos...

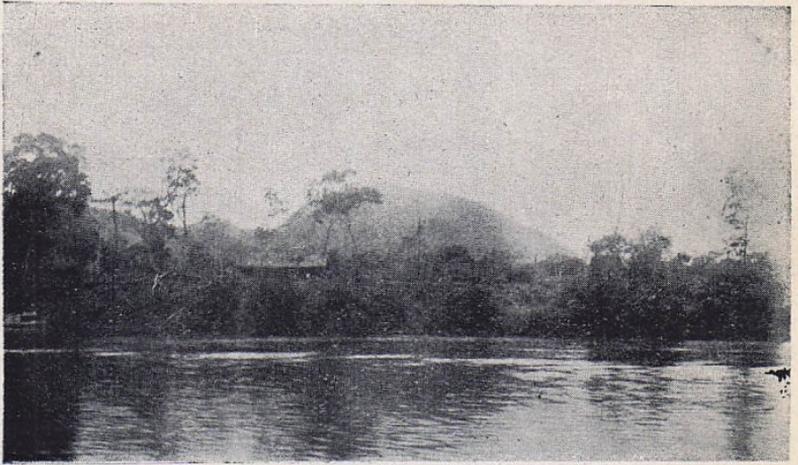
Eu tambem tremia; sentia-me tão pequeno e mesquinho perante a grandeza do poder de Deus!



Remanso Sta. Teresinha. (Rio das Mortes)



No Araguaya — O P. Fuchs e companheiros



Porto Sta. Teresinha (Rio das Mortes)



Ainda o porto Sta. Teresinha (Rio das Mortes)

Dirigi-me então aos presentes e gritei: "*Boe, i manna, i vie maghe... it'ora... ta pagudu caba... Deus roiware!* (Borôros, meus irmãos, meus filhos... Não temaes... E' o poder de Deus!)

Todos se sentiram reanimados.

Houve quem fosse buscar agua e atirou sobre a cabeça do infeliz Felipe, que pouco a pouco se reanimou. Levantou a cabeça como um homem aturdido que não sabe onde se acha; olhou ao redor com olhares estarecidos e disse: — Onde estou? Que aconteceu? — Ninguém respondeu; e, amparado por dois homens, foi levado para sua cabana.

Eu não disse mais palavra e deixei que os Borôros, tão profundamente impressionados, pensassem e reflectissem!... Fui para a Capella e lá prostrado perante o altar, me recolhi em oração.

No dia seeguinte, o pobre Felipe veio ter comigo e sem preambulos, mas, humilde e submisso, me disse: — Soube o que tu fizeste, mas peço-te que não o faças mais, si não queres que eu morra. Tu expulsaste o espirito de mim, mas de tal maneira que, quando elle se foi, me deu tamanha pancada na cabeça que me senti morrer. Peço-te que não faças mais assim. Tu sabes que me entreguei a Bópe e elle não me perdoará, si o abandonar. A minha sorte está marcada... Não, não posso mais deixá-lo. Sou delle, e agora sómente com elle ficarei, para sempre... Assim dizendo, as lagrimas cahiam-lhe dos olhos... Sem mais nada accrescentar, se retirou.

Por este facto e por outros, que poderia citar, creio poder asseverar que foi por instigação directa do demonio que os selvagens Chavantes abateram aquellas Cruzes, que, como signal de Redempção, os dois Apostolos Salesianos tinham ousado erguer onde até hoje, infelizmente, reina, sem duvida, o inimigo do genero humano.

No barranco do sangue

Há oito dias viajavamos no Rio das Mortes. Na tarde do dia 9 do mez de Agosto, chegámos ao lugar suspirado e para nós sagrado, porque regado pelo sangue dos nossos Irmãos. A' direita do rio, se eleva uma nua e alta ribanceira; á esquerda, ao envés, se estende uma praia branquissima de finissima areia.

Adiante de nós estava o lugar onde os nossos Missionarios, no dia 1.º de Novembro de 1934, tinham visto dois selvagens e por isso desceram ao seu encalço.

Aproámos e acampámos sobre a areia, á margem esquerda. Os meus olhos, porém, e principalmente o meu coração estavam para lá do rio, onde os nossos queridos Irmãos tinham offerecido a Deus, generosamente, o sacrificio da propria vida.

O sol, ás nossas costas, atirava quasi horizontalmente seus raios de fogo na margem opposta. Parecia que o alto barranco, illuminado pela luz do poente, emergisse do fundo das aguas, num banho de sangue! O rio, a terra, a areia, o mesmo verde escuro da matta pareciam tingidos de escarlata!

Tudo nos recordava que aquellas verdes campinas tinham sido salpicadas de sangue e parecia-nos ouvir uma voz que dizia: "*Hic est locus sanguinis!*"

A nossa impressão foi tal, que nos veiu ao pensamento a idéa espontanea de consagrar e passar para a historia aquelle lugar com o nome de "Barranco do sangue".

Não pude conter-me e quiz, embora fosse tarde, ir até lá e beijar aquella terra. Subi com os meus companheiros numa pequena canoa e atravessámos o rio. Ao pôr os pés naquelle lugar, pareceu-me ver os dois queridos Irmãos grimparem o talude alegres e, com a ansia no coração, aproximarem-se e abraçarem aquelles que há dois annos procuravam em vão e pelos quaes tanto tinham soffrido.

Na orla do barranco achámos a Cruz que assignalou o lugar da primeira sepultura. Felizmente, os corpos tinham sido tirados a tempo, pois, com a infiltração e corrosão das aguas, o barranco desmoronaria e assim os corpos seriam lambidos pelo rio, desapparecendo. Não pudemos pronunciar sequer uma palavra, tal era a nossa commoção. Na nossa frente, estava a Cruz; mais abaixo, o caudaloso rio, e no extremo horizonte, o sol que se occultava!

Há oito mezes, na mesma hora, cahiam os dois heróes e o sol com os seus ultimos raios ia beijar os corpos, estendidos sobre aquelle solo, como o beijava agora, juntamente connosco, que ajoelhados rezavamos e choravamos.

O amor de Irmãos exigia o seu desabafo. O coração tinha os seus direitos. Chamámos alto pelo

nome as duas heroicas Victimias, e pareceu-nos ouvir naquelle descampado immenso, sobre as aguas majestosas e tranquillias, através do mysterio das escuras e densas florestas, o écho da sua voz que respondia: — Presentes!

A noite descêra repentinamente, sem crepusculo, deixando-nos tristes, mas de uma tristeza que era conforto ao mesmo tempo. Sentiamo-nos orgulhosos por nos acharmos lá tambem, amiudando nos passos sobre as pégadas dos queridos e corajosos Extinctos.

No dia seguinte, celebrei a Santa Missa em seu suffragio. Não posso descrever o que senti. Offereci o Santo Sacrificio no mesmo lugar onde elles tinham unido o seu sangue ao sangue preciosissimo de N. S. Jesus Christo. Talvez não muito longe estivessem espiando os mesmos selvagens que lhes deram a morte, em circumstancias tão dolorosas e tragicas!

O sol já inundava com os seus primeiros raios a natureza, que, toda em festa, erguia ao Criador um hymno de jubilo, e a Hostia Santa se erguia entre o céu e a terra como para receber em seu immaculado seio as vozes de hosanna que a bafejavam, á espera dos louvores que lhe haveriam de manifestar, mais tarde, os filhos reluctantes das selvas.

Delicto premeditado

Durante o dia, fiz a reconstrucção da tragedia. Comecei por fazer uma idéa exata da configuracção do lugar. O rio, naquelle ponto, apresenta uma



Um frecheiro



D. Olivia Borges, atacada pelos Chavantes, perde uma vista



Exercícios de tiro



Os PP. Colbacchini e Duroure em excursão apostolica

ampla curva, e a margem direita se ergue por uns dois kilometros, destacando-se da agua como uma grande muralha inclinada. A margem esquerda, ao contrario, é arenosa e plana. A rampa pode ter de dez a quinze metros de altura e é ingreme, de modo que, achando-se aos pés da mesma, é impossivel ver-se e observar-se o que succede em cima, a poucos metros para dentro. Para subir é preciso trepar, agarrando-se ás raizes das plantas e arbustos.

Lá no alto, floresce uma vegetação rala e esparça, semelhando capoeira irregular. O lugar era typicamente estrategico e perfeitamente adequado para uma emboscada! Na extremidade da ribanceira, os selvagens podiam fiscalizar a passagem do rio até elle dar a volta, sem serem presentidos.

E' certo, e o proprio diario dos Missionarios o attesta, que os selvagens tinham percebido há tempos a sua presença no Rio das Mortes e que os seguiam. Sem duvida, tambem elles tinham notado que os Missionarios, tendo encontrado signaes e vestigios da sua presença, paravam e desciam a terra e se internavam na floresta, seguindo as suas pégadas. O Pe. Sacilotti, então, arriscava-se mais, por dias e dias, nessas pesquisas.

Os selvagens, conhecendo esses habitos, prepararam a emboscada.

Acho dever pôr-se de lado a supposição de que um caso fortuito fizesse collocarem-se os dois indios Chavantes aos pés do barranco, ao chegar a lancha. Tudo foi por elles premeditado e calculado.

E' este um facto de grande importancia, que valoriza e torna immensamente precioso o sacrificio das duas Victimas.

No alto da margem alcantilada, a capoeira era escassa: viam-se algumas arvores, arbustos, pequenas palmeiras e macega alta. A uns quinhentos metros mais para dentro, existia a floresta.

Pela explosão do motor, perceberam elles a aproximação da lancha, muito antes que ella apparecesse (devido ao facto de que, naquellas solidões, qualquer rumor alcança extensões incriveis) e por isso os dois vedetas tiveram muito tempo para descer o talude e ahi se entreterem, até que a lancha apparecesse, fingindo pescar.

Apenas notaram que tinham sido descobertos, treparam mais que depressa a ribanceira e foram-se unir aos outros companheiros, que estavam de alcatéa.

Dado o golpe, teriam fugido para a floresta vizinha... mas, segundo penso, erraram o calculo. Esperavam que sómente os dois Missionarios subissem; mas, ao contrario, todos foram, menos o menino, que ficou guardando o barco. Atemorizados pelo numero, se esgueiraram acobertados pela alta macega e foram esperar no matto vizinho. O primeiro a pôr o pé lá em cima foi o Pe. Sacilotti. Não viu ninguem. Subiu sobre uma arvore e disse ao borôro, que o acompanhava, que estava vendo uns cincoenta selvagens com alguns meninos.

Desceu e avançou animosamente, com o Pe. Fuchs, enquanto os outros iam chegando. O resto é conhecido.

Santa Teresinha

A minha viagem de inspecção sobre o Rio das Mortes devia proseguir. A incumbencia que me deram os Superiores era de subir o rio até ao ponto extremo alcançado pelos nossos Missionarios, isto é, o lugar onde tinham fundado a primeira residencia que collocaram debaixo da protecção de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Ainda 400 kilometros de rio sempre observados e seguidos! Os selvagens são teimosos e tenazes. Mesmo durante a parada puzeram fogo na folhagem, a pouca distancia. Reservámos para a volta a collocação de uma grande *Cruz-Lembrança*.

A viagem nos dias seguintes correu sem novidade, acompanhados, porem, á direita e á esquerda pelas fumaçadas, ora vizinhas, ora longinquas.

Isso demonstrava que eramos sempre seguidos e espiados. Não obstante, estavamos tranquillos, porque confiavamos na Providencia.

Uma boa distracção era a aproximação dos animaes da floresta, que se vinham abeberar no rio. A anta, particularmente, sahindo do matto a passos lentos, passeava pela praia, entrava na agua, banhava-se, nadava, afundava, apparecia e desaparecia... Assim tambem bandos de capivaras e de outros animaes que, satisfeitos, gozavam a vida!

Quando presentiam, porém, a presença do homem, fugiam! Como assim, si o homem fôra constituido o rei da natureza, e seu senhor absoluto? Triste realidade que nos lembra o primeiro peccado, isto é, a revolta do homem contra Deus.

Desejavamos chegar á choupana de Santa Teresinha para a festa de N. S. da Assumpção. De facto, pela tarde do dia 14 de Agosto, numa volta do Rio, lobrigámos ao longe, numa clareira da matta, adiante de uma pequena choça escondida entre as folhagens, uma alta Cruz.

Santa Teresinha, Santa Teresinha! — exclamámos.

Depois de uma hora, entravamos na humilde cabana, que foi a primeira Casa Salesiana do Rio das Mortes.

Tres salesianos compunham a primeira communiidade, que tinham abandonado pelo Céu... Agora outros tres vinham áquelle mesmo lugar e se abrigavam debaixo do mesmo tecto!

O pouco que deixaram ficára intacto, debaixo da guarda de Santa Teresinha. Parece-me que os Chavantes nunca puzeram os pés nesse lugar. A alta cruz permanecia intacta, a unica dentre as varias erguidas aqui e acolá pelos Missionarios.

O pequeno abrigo coberto com buriti, era a expressão da mais esqualida pobreza: uma verdadeira Belém!...

E naquella pobreza absoluta viveram por mezes e mezes aquelles santos Missionarios, sempre esperando o dia auspicioso do encontro com os selvagens. Trabalharam e cultivaram a terra, da qual colhemos ainda alguma coisa. Deus, porém, não lhes deu a satisfação de, aqui na terra, realizarem os seus intentos. No momento mesmo em que elles

depois de tantas fadigas e padecimentos, com jubilo incontido, pensavam ter alcançado o ideal suspirado e estendiam os braços para chamar e apertar ao seu peito o objecto do seu amor e das suas aspirações, elles, os atrozes filhos da floresta, trocando o odio pelo amor, deram a morte a quem lhes offerencia a vida!

Permanecemos em Santa Teresinha dez dias. Fizemos varias excursões de reconhecimento, mas não encontrámos nenhum indicio de selvagens. Subimos ao alto de uma collina proxima e, no vasto horizonte que se nos antolhava, só percebemos ao longe, lá para o norte, a fumaça de alguma fogueira accesa na chapada.

No entanto, os viveres que trouxeramos iam escasseando. Viviamos quasi que exclusivamente da caça e da pesca e mais do que tudo de ovos e carne de tartaruga, abundante nesses lugares, naquella estação. Este alimento, porém, um tanto forte, e do qual não podemos impunemente abusar, causou ao nosso Irmão Paulo febre alta, rebelde a todas as mézinhas e que, por não ceder, me causou séria preocupação.

Lá longe, naquelle lugar deserto, naquella extrema penuria, o caro Irmão sentiu que as forças lhe iam definhando...

Estavamos em um lugar consagrado a Santa Teresinha, na choupana em que viveram e penaram por mezes a fio os nossos heroicos Irmãos, debaixo do mesmo tecto em que elles tanto soffreram e por

isso convidei o doente a se recommendar a elles. Eu orei tambem.

Passaram-se dias de ansia e de tristeza. Nosso Senhor nos queria provar! Por fim a febre cedeu e o Irmão Paulo pouco a pouco se restabeleceu eficazmente.

A 25 de Agosto, deixando tudo como em mezes atrás o tinham feito os nossos martyres, não sem pesar, partimos, iniciando a nossa viagem de volta.

Descer o rio é certamente mais facil e rapido que subi-lo; por isso, em poucas horas de navegação cobrimos uma distancia dobrada da que tinhamos feito na ida.

No dia 27 de Agosto, enquanto navegavamos magnificamente, eis que surge na margem direita, a pequena distancia, entre os ramos e a folhagem da floresta, um ligeiro pennacho de fumo. Eram os Chavantes!

Avizinhámo-nos da praia e vimos, immoveis, debaixo de longos e espessos ramos que se inclinavam por sobre as aguas, algumas jangadas, com que os selvagens atravessam o rio.

Da floresta chegavam até nós os echos longinquos e repetidos de golpes de machado! Resoou tambem um assobio estranho, que podia ser de algum passaro, e tambem não. Alta noite, pareceu-nos ver, na escuridão, uma luz que apparecia e desaparecia!... Os Chavantes andavam por lá.

No lugar e na zona onde os Missionarios tinham erguido a residencia de Santa Teresinha, nunca encontraram vestigios de selvagens, que, ao contrario, sempre appareciam duzentos kilometros mais abaixo. Era justamente o ponto onde nós nos achavamos e essa observação fi-la tambem eu.

Puzemo-nos depois a caminho, para não mais pararmos sinão no *Barranco do Sangue*.

A cruz commemorativa

Passámos a noite tranquillos. Ao amanhecer, rezámos outra missa em suffragio dos que tombaram. Depois dirigimo-nos em piedosa romaria até ao “Barranco do Sangue”, levando a grande “Cruz commemorativa” preparada em Santa Teresinha. Percebi então que a Cruz provisoria, que eu mesmo havia levantado ao lado das duas sepulturas, não existia mais. Procuramo-la aqui e acolá, mas em vão. O vento não a poderia ter arrancado e transportado. Não houve naquelles dias tempestades; os animaes não poderiam ter feito aquillo; o mais que se poderia admittir é que ella tivesse caido por terra, mas lá não estava... Sómente os selvagens, passando por lá, depois da nossa estada, poderiam ter carregado o sagrado Lenho. Sem dizer nada, deslizei pela ingreme encosta, dizendo aos companheiros, preoccupados por me verem seguir sózinho, que não se assustassem.

Não demorei a descobrir, na linha d’agua, aquillo que eu procurava. A Cruz, certamente atirada do

alto, tinha-se emmaranhado nas plantas palustres e lá estava. Não me foi difficil recuperá-la. Depois de a termos subido, vimos nella signaes vermelhos de “*urucum*”, isto é os signaes das mãos que a haviam arrancado do solo. Eram tão frescos e visiveis que pareciam daquelle dia. O facto nos impressionou. . .

Pobres selvagens! Pobres filhos da floresta, vagando nus e cegos pelas trevas e sombras da morte, quando soará a hora da vossa redempção?

Trabalhando com o machado e o facão, fizemos um espaço livre e no meio plantamos a Cruz-comemorativa, benzendo-a.

Durante o sagrado rito, os olhos dos presentes se marejaram de lagrimas e um fremito de commoção invadiu-nos a todos.

Ao levantar as mãos de Sacerdote para benzer aquella Cruz e ao pedir supplice a Deus a paz e o descanso eterno para os dois Irmãos defuntos, que por longos annos me acompanharam nas Missões, e que, desprezando sacrificios e trabalhos inauditos e arduos, não trepidaram subir ao Calvario, morrendo pelo amor do seu sagrado ideal, senti meu coração confranger-se e só entre lagrimas pude terminar a piedosa oração, que invoca de Deus misericordioso a luz, que para todos os justos e santos é penhor de eterna felicidade. Invoquei ardentemente a intercessão dos dois queridos extinctos para obter de Nosso Senhor a graça de imitar o seu ardoroso apostolado e ser digno um dia de ter a sua mesma morte.

Acabada a modesta cerimonia, perlustrámos ao redor cuidadosamente o terreno, afim de vermos si encontravamos algum objecto que pertencia ás victimas. Eram passados oito mezes! Chuvas torrencias se tinham succedido e por fim tambem o fogo para consumir aquella alta e secca macéga, destruindo tudo. Nada encontrámos.

Asseguram-nos que quando o Pe. Sacilotti foi ao encontro dos selvagens tinha na mão o Santo Rosario; e que, quando o Pe. Fuchs chegou ao alto da ribanceira, tirou do bolso o Crucifixo.

Morreram assim, estreitando ao coração os sagrados objectos da sua fé e do seu amor: Jesus Crucificado que deve illuminar aquelles pobres infelizes e trazê-los para o caminho da vida e civilização; e Maria Santissima que, aos pés do Calvario, foi consagrada Mãe de todas as gentes e há de atrair por seu intermedio, para o redil de Christo, os pobres filhos das selvas.

A nossa missão estava cumprida.

No dia 29 de Agosto, proseguimos a viagem de volta. A' noitinha, estavamos sobre o areal de uma pequena ilha, onde encontrámos objectos abandonados pelos selvagens, que fugiram, ao ruido do nosso motor. Tive um vivo desejo então, de seguir a sua pista.

Entrei com os dois Irmãos na canoa de reboque e desembarcámos onde tinhamos visto pouco antes algumas jangadas ancoradas na areia. Internamo-

nos, seguindo as pégadas dos selvagens... Distinguem-se claramente os vestígios dos homens, mulheres e crianças... Tinham passado por lá pouco antes e não eram poucos.

Para o Missionario é tal e tanto o desejo de se encontrar com almas para salvar, que, sabendo estarem ellas vizinhas, em nada pensa, nada teme, contanto que se possa aproximar. E'-lhe necessario fazer um esforço afim de que a razão seja dominada pelos impetos do coração.

Parei um instante e pensei que seria temeridade de minha parte expôr os meus companheiros a um perigo inutil. Si tivéssemos alcançado os selvagens era a paz ou a guerra? Certamente, no ultimo caso, seriamos victimas de sua ferocidade, pois em toda a historia da Missão Salesiana em terras de Matto-Grosso nunca erguemos uma arma, *valha a verdade*, em nossa defesa, para nos livrarmos das emboscadas dos perigosos aborigenes. Digo isso com uma satisfação intima, apesar dos nossos detractores apregoarem inverdades ao contrario.

Por felicidade, appareceram as primeiras sombras da noite e tivemos que voltar. Foi melhor assim.

No dia 30 de Agosto, proximos já da fóz do Rio das Mortes, vimos de longe um animal que, atravessando a alvissima praia, se avizinhava do rio. Era uma magnifica onça que vinha dessedentar-se...

No dia 31 de Agosto, encontrámos alguns Carajás que, corajosos, entraram no Rio das Mortes, á busca de tartarugas e ovos do mesmo amphibio, preciosa caça e saboroso alimento, para esses selvagens.

Os indios Carajás se aventuram de vez em quando a pescar no Rio das Mortes, mas quasi sempre esse passeio lhes custa caro. Os Chavantes não poupam ninguem: têm o dominio sobre todo o Rio das Mortes e não admittem invasores. Chegámos ao lugar denominado "*Barreira de D. Bosco*", onde os nossos Missionarios tinham levantado uma Cruz, que achámos demolida, e onde deixaramos, de proposito, na ida, alguns objectos, como brindes, aos selvagens. Percebemos, pelos vestigios, que elles tinham andado por lá, mas não tinham tocado em nada. Era uma declaração explicita de uma decisiva vontade hostil. Não queriam o nosso contacto...

Continuámos a viagem rapidamentee até á foz. O Rio das Mortes, antes de atirar-se no Araguaya, se divide, como já dissemos, em dois ramos que formam um delta. A ilha que se acha entre esses dois braços do rio e o Araguaya, em parte está coberta por densa floresta, parte por lagoas e canaes, que unem as aguas de um e de outro caudal. Esta ilha é o covil de toda a especie de animaes e de reptis, e o proprio selvagem Carajá não se aproxima della. Pernoitámos numa praia desta ilha e, aproveitando a noite scintillante de estrellas, agradece-

mos a nosso Senhor, *ex toto corde*, a graça que nos tinha concedido de viajarmos sem encontrar nenhum perigo. No dia seguinte, partimos de madrugada e entrámos, sem mais, no Rio Araguaya.

O resto da viagem até *Matto Verde*, ponto de partida, correu sem novidade.

“Adveniat regnum tuum”

Amantissimo Pae, terminei.

Peço-lhe desculpas, si o molestei com esta minha relação, quasi diria moxinifada, demasiadamente prolixa. Entretanto, quiz mostrar-lhe quanto é arduo, perigoso e summamente difficil penetrar no *hinterland* desconhecido dos tropicos, para descobrir o arredio selvagem da floresta, afim de conquistá-lo para Deus.

O selvagem não conhece a solidariedade e fraternidade humanas e considera qualquer estranho seu inimigo declarado, sómente digno de odio e de morte. Destruir e aniquilar o inimigo é lei commum para elles: é um dever a que, para cumpri-lo, põem toda astucia, toda a sua alma, a sua satisfação, como a caça e a pesca são a maior alegria da sua existencia.

O selvagem está no pleno dominio da sua posse — *jus soli* — e não admite que ninguem o contrarie. E' o ser que, sobre qualquer outro, pequeno e grande, gracioso e horrido, docil e feroz, innocuo e mortifero, de que superabunda a natureza tropical, reivindica em cheio, para si, a sua soberania.

Como as feras dos mattos, o selvagem assimila a vida da natureza, onde nasceu, cresce e morre; livre e independente, não precisa de nada; na sua nudez, tem tudo...

Este é o selvagem, este é o filho das selvas: orgulhoso, indomito, e feroz defensor dos seus direitos e da sua liberdade, refractario a todo o contacto e a toda amizade...

E é este homem que o Missionario, só e inerme, como unica arma o Crucifixo, enfrenta, para levar-lhe o seu coração, toda a sua alma, afim de inocular-lhe a vida, o amor de Jesus e depois o amor á humanidade.

Não será, portanto, a solidão e o abandono, nem as feras da floresta, nem as insidias dos reptis, nem a fome nem a sêde, as fadigas e o cansaço, nem tampouco a indiferença e o desprezo, nem a ingratição e o odio, nem os martyrios e a morte, nem a calunnia peor que mil mortes, tudo isso não fará retroceder a marcha abnegada, mas cadenciada do Missionario Catholico!

Como qualquer outra conquista (não a conquista do *ouro ou dos diamantes que nunca nos interessou* mas a conquista do Reino de Christo nas longinquas, inhospitas e perigosas plagas do Rio das Mortes) exigirá ainda tempo, fadigas, suores, sacrificios, martyrios e mortes — não importa — não nos intimidemos — mas o dia da redempção raiará.

A tudo estão dispostos os humildes Missionarios de D. Bosco. Elles não têm outro ideal, nem outra satisfação e, seguindo o exemplo do querido e santo Fundador, nenhuma ambição poderão alimentar sinão esta: Marchar sempre na vanguarda, combater nas primeiras fileiras; soffrer, morrer por Jesus, e pelas almas!

Abençoe-me, querido e amado Superior, e lembre-me sempre nos seus Sacrificios. Disponha do

Filho amantissimo

Pe. ANTONIO COLBACCHINI,

Missionario Salesiano

INDICE

Dedicatória	5
Esclarecimento	7
Introdução	11
De um sonho de D. Bosco.....	15

I PARTE

HERÓES QUE TOMBAM

I — HOMENS	17
O Pe. João Fuchs.....	18
O Pe. Pedro Sacilotti.....	20
José Pellegrino	22
O borôro Luiz Kapuceva.....	23
II — OS INDIOS CHAVANTES	
Frade e heróe	25
Luta fratricida	27
Barbaridades	29
Pequena victima	30
A expedição da desforra.....	32
Enigma	34
III — A CRUZ NO RIO DAS MORTES	
Tomada de posse	36
Salvadores de almas	40
Campeões de Christo	42
IV — A LUTA PELA VIDA	
“Primum vivere...”	46
Canto de motores	48
Homenagem sincera	50

V — OS INDIOS CARAJAS	
Uma lenda	54
A realidade	55
Quando soar a hora de Deus?.....	57
VI — O DEMONIO ZOMBETEIRO	59
VII — PRIMEIRA VICTIMA	63
VIII — OS CAMINHOS DO SENHOR	
A hora das trevas	69
No limiar	71
IX — A GLORIA	
“In sancta professione”	74
“Consummatum est”	77
X — A VÓS, JOVENS	80

II PARTE

NA ESTEIRA DOS HERÓES QUE TOMBARAM

Arriscadas pesquisas feitas pelo Pe. Colbacchini, no Rio das Mortes.

O Araguaya	84
<i>Borôro ou Bororó?</i> (Digressão)	86
<i>“Rari nantes in gurgite vasto”</i>	90
No Rio das Mortes	94
A's voltas com os jacarés	97
Os Chavantes	100
A cruz derrubada	103
Vexações diabólicas	107
O Bari Felipe Puiddo	112
No Barranco do sangue	116
Delicto premeditado	118
Santa Teresinha	121
A Cruz commemorativa	125
<i>“Adveniat regnum tuum”</i>	130